

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1901

N.º 69

Exequias Reaes no Convento da Batalha

SÉ a ideia que presidiu à fundação da *Batalha* é considerada por todos como altamente nacional e patriótica, já não succede o mesmo no tocante à originalidade da concepção artística da obra. Criticos ha que negam, ou pelo menos duvidam, que Portugal tivesse n'aquelle tempo a capacidade technica sufficiente para erigir um monumento, que a todos sobreleva no bem traçado do plano, na elegancia das linhas geraes, na formosura e pureza do estylo. No seu entender, faltavam os elementos tradicionais, que especassem satisfactoriamente aquella exuberante evolução esthetica. Na arte, assim como na natureza, nada se faz de chofre, e, no ponto em que estão, não se encontram os elos intermediarios e consecutivos da cadeia artistica. Inegavelmente, a *Batalha* tem direitos á primazia monumental, mas a actividade architectonica anterior ao reinado de D. João I não foi tão escassa que não deixasse numerosos vestigios que ainda hoje se impõem á nossa admiração e respeito. Bem proximo da *Batalha*, a abbadia de Alcobaça é o documento mais comprovativo d'esta verdade. A fachada do templo foi estolidamente reconstruida, mas a majestosa nave attesta a pujança da edificação primitiva e não recia o confronto com a do templo joanino.

Diversos artistas e artifices estrangeiros — architectos, estatuarios, vidreiros e pintores — collaboraram na obra secular da *Batalha*, mas o primeiro mestre de obras que apparece nos documentos é evidentemente portuguez, Afonso Domingues, cuja figura lendaria Alexandre Herculano reproduziu magistralmente numa das suas mais bellas narrativas romanticas — *A abobada*. Succedeu-lhe mestre Huguet, cujo nome anda tão variadamente orthographado que se torna muito difficil fixal-o graphicamente. Era com toda a certeza estrangeiro e talvez oriundo da Normandia ou de outra qualquer provincia franceza, então sob o dominio da Inglaterra. Depois d'elle, apenas interrompida por mestre Guilhelm, continua a serie dos mestres portuguezes, Martim Vasques, Fernão d'Evora, João Rodrigues e Mathes Fernandes, que jaz sepultado no chão da egreja, unico de todos os seus collegas que parece ter tido essa honra.

Seria curioso e deveras instructivo, se um artista, dotado ao mesmo tempo das qualidades de erudito, podesse determinar, em face dos documentos e das feições do estylo, a parte que compete a cada um dos poetas d'esse grande cancionista de pedra e até que ponto chegou a influencia e a acção directiva de cada um d'elles.

Ou producto genial de um artista portuguez, ou traça maravilhosa d'um architecto estrangeiro, a *Batalha* é o symbolo mais perfeito da unidade nacional e do espirito de independencia, a consubstanciação mais bella do patriotismo e da arte, a commemoracão sublime de um dos feitos mais notaveis da historia peninsular. A batalha de Aljubarrota decidiu para sempre dos destinos da nação portugueza. Se o mestre de Aviz, em vez de triumphante, tivesse ficado vencido, Portugal teria soffrido a absorção hespanhola e

nunca mais a sua individualidade se affirmaria vigorosa. A bandeira das quinas não teria ido devassar os mares desconhecidos e o poeta dos *Lusiadas* não encontraria o assumpto inspirador da sua immortal epopea.

Grandioso e bello no seu conjunto, admiravel tambem em cada uma das suas partes componentes, a capella mortuaria do fundador é todavia uma das joias mais preciosas do diadema real, mandado cinzelar em pedra pelo filho bastardo do *Justiciero*. Ao centro da vasta e elegantissima quadra, numa grande arca de marmore, jazem D. João I e D. Filippa de Lencastre, avultando na tampa, uma a par da outra, as estatuas dos dois esposos, dando-se amorosamente a mão, como querendo significar que os uniu na morte o mesmo leal affecto que os ligára em vida. Em derredor, em pequeninas capellas ou ediculos, repousam quatro dos que formaram a mais *inclita geração de infantes*, de que resa a nossa historia. Mais outros quatro vão preencher agora os logares devolutos e completar, ou antes augmentar, aquella reunião dynastica e de familia. Ainda lá falta alguém, mas será melhor talvez não remexer mais na cinza dos mortos nem perturbar a sua quietação secular. Elles tiveram todos uma vida tão agitada, respiraram numa atmospherá tão cheia de paixões e de luctas, que elles estariam por certo que não removessem mais a sua tumultuaria existencia.

O cortejo funebre que passa deante de nós é formado pelos restos cadavericos de dois reis, de uma rainha e de um principe. Como é natural, cabe aos dois reis uma importancia historica superior á das duas outras personagens — figuras que occupam plano secundario mas que atrahem tambem a nossa curiosidade — uma curiosidade cheia de piedosa melancholia.

D. Afonso V, entrando o periodo da sua menoridade, foi um dos soberanos portuguezes que exerceram por mais largo tempo o seu officio de rei. Primorosamente educado, dedicou sempre grande affeição ás letras, como o prova a sua correspondencia com o chronista Azurara. A musica, a pintura e as outras artes e sciencias não lhe mereceram menos cuidado. Como bom cavalleiro que era, a guerra preocupou-lhe o espirito e na conquista das praças africanas assignalou a valentia do seu braço. Aspirando á coroa de Castella, organisou um exercito luzido e poderoso, com o qual penetrou no reino visinho, mas a sorte nem sempre o favoreceu e na batalha de Toro viu dissipadas todas as suas illusões e esperanças, empanado o brilho das suas glorias passadas. Os effeitos d'este desastre abalaram-n'o profundamente e o valoroso guerreiro d'Africa como que passou a ser um cavalleiro andante. Ridiculo para uns, dispersa todavia aos olhos de outros a sympathia do infortunio.

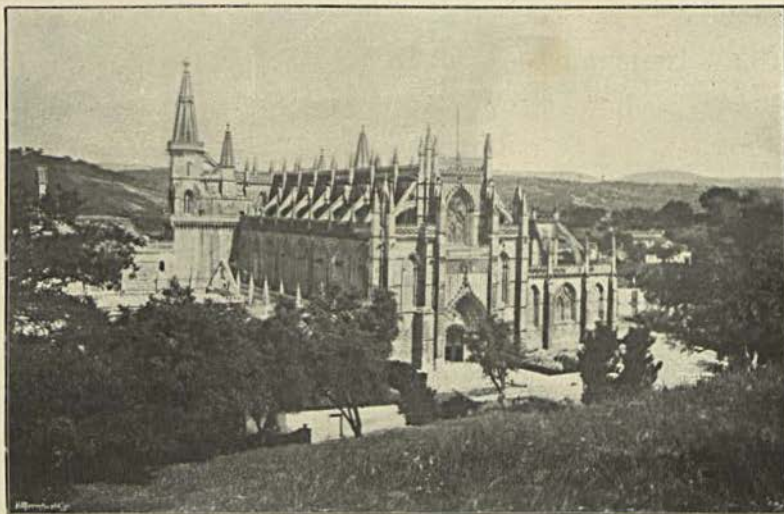
Na vida de D. Afonso V inscreve-se uma pagina pouco honrosa, mas cuja inteira responsabilidade não lhe cabe. E' a lucta contra seu sogro, a illustre victima de Alfaro-beira. As intrigas da córte moveram o animo do rei, que

ainda não tinha, em annos tão juvenis, a necessaria madureza de entendimento para discernir a lealdade da perfidia.

Uma coincidência curiosa se observa tanto na vida de D. Afonso V como na de seu filho e successor. D. Af-

face a D. João II sem lhe ver espelhado nos olhos o algoz da sua familia.

D. João II foi um soberano que soube, como poucos, manter intemerata a ascendencia do poder real. Com o seu



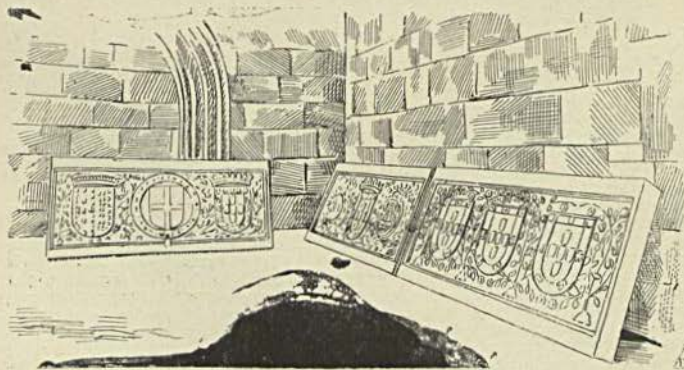
Vista geral do mosteiro da Batalha

fonso V contrahiu enlace matrimonial com sua prima D. Izabel, a filha do *Regente*. D. João II casou-se com outra prima, D. Leonor de Lencastre. Tanto uma como outra esposa tiveram occasião de maldizer o destino matrimonial que lhes coubera em sorte. Nas paredes dos dois quartos nupcias haviam de avultar de quando em quando, no silencio das noites mal dormidas, as projecções dos quadros dantescos, em que os remorsos e as recriminações travariam o seu duello infernal. Naquelle intimidade, dilacerada e dilacerante, o espirito eminentemente dramatico de Shakespeare encontraria a mais lugubre inspiração para as suas tragedias reaes. D. Izabel não enlaçaria nos seus braços o marido sem se lembrar que elle fôra o cruel perseguidor de seu pae e de seus irmãos. D. Leonor não beijaria na

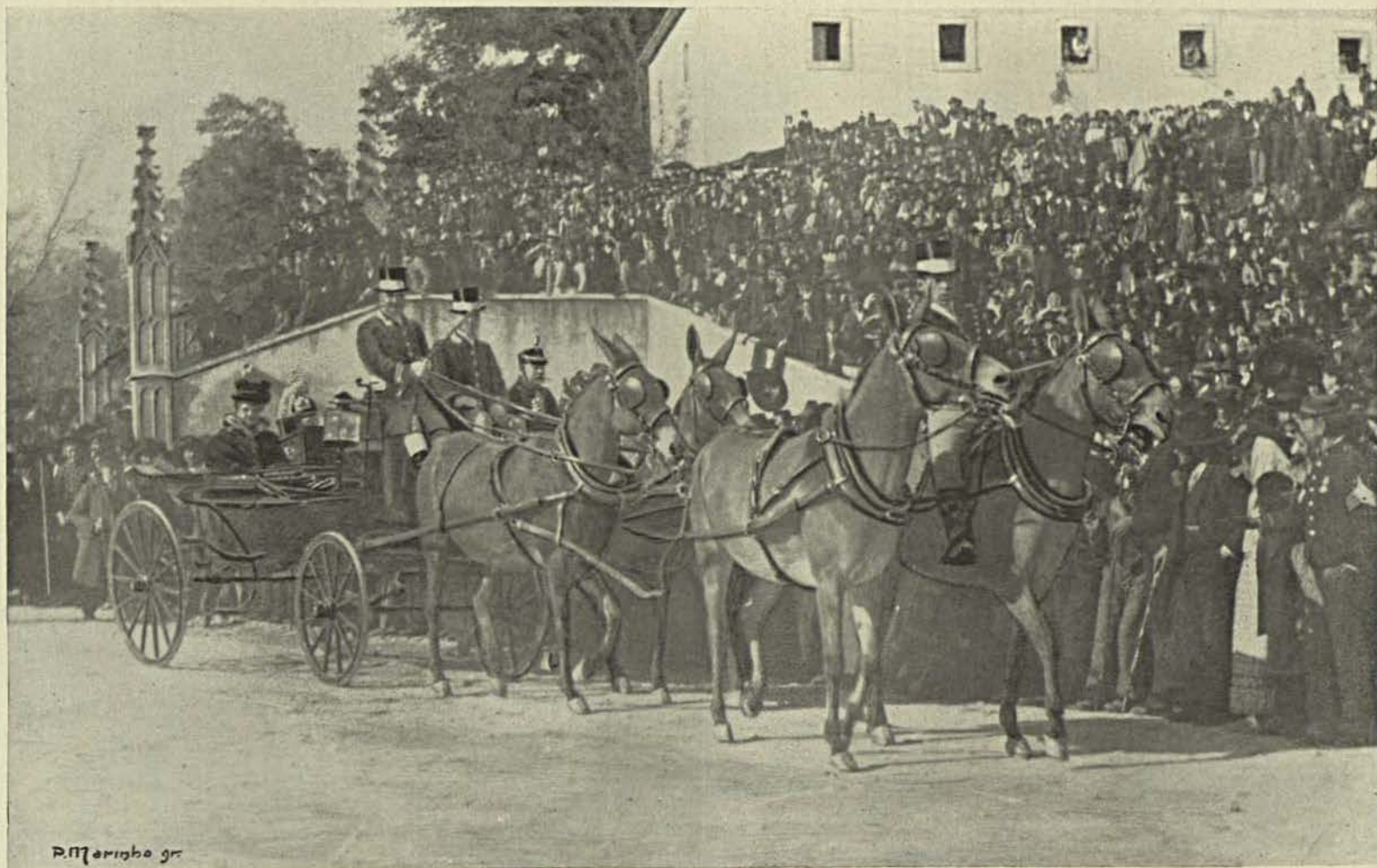
forte pulso conteve a nobreza no seu logar e esmagou aquelles que pretenderam resistir-lhe. O seu coração duro não se deixava enternecer com blandicias, quando se tratava de alguma alta questão de estado. A masmorra, o patibulo, o veneno, o exilio, o garrote, o punhal, tudo lhe servia para se desfazer dos seus adversarios. Nem mesmo a distancia, em terra estranha, lhe escapavam.

O reinado de D. João II salienta-se por duas grandes catastrophes, no meio das quaes rebentam, como um fogo de vistas a illuminar dois lagos de sangue, as sumptuosas festas no noivado principesco em Evora. A primeira dessas catastrophes foi a hecatombe da fidalguia, sacrificada em nome dos interesses politicos. A segunda catastrophe foi a morte do principe D. João, tão desastrosa como inesperada.

Muitos actos da vida de D. João II explicam-se talvez por atavismo. Assassinando o duque de Vizeu, elle commetteu por impulso hereditario o mesmo crime que praticara seu glorioso bisavô, D. João I, o de *virtuosa memoria*. Ha todavia uma notavel differença entre os dois factos. O mestre de Aviz, quando assassinou o conde Andeiro, era ainda um conspirador, um pretendente e arriscou-se a que lhe fizessem o mesmo, podendo-lhe sahir bem caro o seu atrevimento. D. João II assassinando seu primo, o duque de Vizeu, commetteu um acto de força desnecessaria e desvirtuou o seu poder de rei, sentenciando sem culpa formada, dispen-



As pedras dos novos tumulos de D. Afonso V, de sua mulher e de seu neto, e de D. João II na capella do Fundador, na Batalha



A chegada dos soberanos á Batalha



Cortejo real a caminho da Batalha

sando todas as formalidades de processo e não dando ao réu os meios de justificar a sua innocencia, se por ventura não estava culpado.



A fachada principal da Batalha, no dia das exequias

Com outro seu avoengo se parece tambem D. João II. No seu espirito de justiciero e no seu amor de justic' de proprio, traz á lembrança D. Pedro I, e assim como o amante de



Outro-lado da batalha, no dia das exequias

D. Igeuz de Castro foliou nas festas de cavallaria de João Affonso Tello, D. João II foi o mais galante lutador no torneio celebrado em Evora em honra do casamento do principe D. Affonso.

Coração indomavel quando se tratava de negocios politicos, D. João II tinha todavia um temperamento peninsular, a amorosa sensibilidade portugueza, quando se tratava de apreciar alguma peregrina formosura. Olhos faiscantes de mulher faziam-lhe andar a cabeça á roda e só admira como o elemento feminino não o poudo conter nos seus impetos contra a conspiração da nobreza. Era uma fragilidade que elle proprio confessava, com magua talvez de não ser mais fragil ainda. E agora, quando de toda aquella organização de ferro, já não restam senão uns miseraveis despojos, quem sabe se esses carcomidos ossos, murmurando na sua linguagem mysteriosa, não chamariam para junto de si, de preferéncia á esposa legitima, D. Anna de Mendonça, a amante predilecta!

SOUSA VITERBO.

A morte da rainha D. Maria II e a Regencia d'El-Rei D. Fernando (1)

No dia 15 de novembro de 1853 andavamos no Tejo, a tirando ás gavotas, Joaquim de Mello (Murça), Manuel Bento de Soisa, então apenas entrado na adolescencia, e eu, quando sentimos da Torre de Belem, dos navios de guerra e do Castello os ecos da artilheria, repetindo-se a curtos intervallos. Anunciavam aquelles ecos a morte da rainha que todos, ou quasi todos, julgavam de perfeita saude. Succumbira, em poucas horas, a um parto infeliz. A noticia cahiu como um raio e alvoroçou toda a cidade. Os olhos politicos haviam acabado. A pobre senhora, que passara infancia e mocidade acudida pelo vendaval das revoluções, havia apenas dois annos que respirava as auras da paz nos seus Paços, dando singular e sympathico exemplo de esposa e de mãe. Os proprios que lhe haviam sido accessos e capitães inimigos se commoveram com a sua morte imprevista e desastrada. A 19 foi o enterro. Estava um dia deslumbrador. A Lisboa deserta d'esse tempo, a Lisboa da que os rapazes de hoje não podem ter a minima idea, transformou-se. Eram ondas de gente de todas as classes pelas ruas de transitio. As janellas disputavam-se por avultados preços; o sol dardejava sobre o lucto dos trajos e os crepes dos coches mortuorios. A dor inundada de luz torna-se mais funebre. Os clarins dos esquadrões vibravam gemidos, que punham na sensibilidade do espirito como o rume da lamina d'aco fere nas carnes. Os velhos generaes de D. Pedro IV seguim a filha, que fôra para elles idolo e clarão dos dias tenebrosos da mocidade no exilio, nas prisões, no campo de batalha, contrahido e semblante de angustia e olhos rasos de lagrimas. Quando o prestito subia para S. Viente, uma pomba branca de neve, nos paizos, desceudo do azul luminoso, e, fechando as asas, posou sobre o atalaje da morte. Lá se conservou até á entrada do templo como annunciando que as tempestades humanas haviam acabado. Um poeta eminente e um nobre caracter, João de Lemos, aproveitou o singular acaso, e elle, que era um dos principaes bartoladores da cidade, pôz-nos a espada na bainha e tirou da harpa das tristezas humanas uma elegia maviosa e encantadora.

A morte subita de D. Maria II cortava o derradeiro fio de esperanza do partido cabalista. O horizonte do porco — que fôra ter sido tão fecundo! — da regeneração, não tinha pois uma nuvem. Ceu propicio, ondas serenas, o barco largava as velas para a grande viagem, com bons timoneiros e alguns desengañados officiaes de estavento. Que dias aquelles para nós, os rapazes do tempo, que ainda tinhámos a boa fortuna de possuir illusões, e que viámos a cada palmo de caminho de ferro em construção resurgir a patria para futuras grandezas! Rodrigo da Fonseca Magalhães, já velho, com perdas caricias e lancinantes graças, desvirtuava as patrias. Fontes, na flor da vida, e sincero ainda, clamava no parlamento: «A organização das finanças são as estradas, os caminhos de ferro, o desenvolvimento do commercio, das artes e das industrias; o aproveitamento das riquezas extraordinarias das nossas colonias».

D. Fernando assumiu a regencia. Muitos annos de só penezar tinham-lhe aquecido o sangue germanico. Estava na flor da vida. A regencia dava-lhe fôrmas; aproveitava os ecos de rei constitucional. Por mais amplos que sejas os saizes do Paço não ha nada como o ar livre. Entrava, por assim dizer, na propriedade do seu Eu. As coisas mais triviaes eram para elle novidade. propria cidade lhe era como desconhecida. Passava nas ruas principes e nas praças publicas de carruagem, ao lado da soberana, flanqueado dos seus velhos camaristas, batedores á frente ou, quando muito, a cavallo, com o seu ajudante d'ordens, lacaios atrás, obrigado a responder ás continências dos postos de guarda, dos transeantes, das mulheres que acudiam á janella para o ver



Na Batalha — Aspectos populares

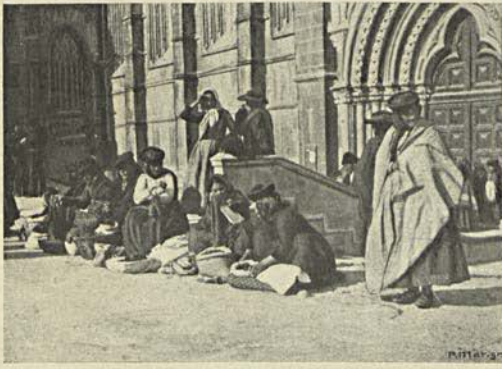
passar. N'uma palavra: distrações que lhe andavam sempre entre uma grande sensaboria e um grande incommodo. Tudo era pois novo para elle e, como tal, appetitivo. Sabia de noite e vinha para as ruas da baixa, não a correr aventuras de capa e espada, porem outras mais facéis e sem risco de spanhar o minino revesa. Chegara uma companhia franceza para o theatro de D. Fernando, com algumas raparigas galantes. Entre ellas vinham duas de *primeira* ordem, como agora se diz. O rei ia hoje ter com esta, amañã com aquella; muito difarçado: gola do sobretudo passada para cima, um bonêdo de pala, á moda do tempo. Os curiosos seguiam-n'o á distancia, porque elle com as suas permas de Polyphemo, em duas passadas deixava-os a perder de vista. Parece que até quiz experimentar o *percepço*. Tal capricho ia-lhe sahindo caro. A rapariga era linda; exemplar tentador da mulher portugueza, que tem um pio entre casto e lubrico, um chiê singular que lhe dá individualidade unica entre os typos feminis. O paé era capião de navios; homem desenganado; dir-se ia um huato arrancado d'um tronco de madeira de teca e bem esculpido. Fora toastado pelo sol e bracejara aos vendavaes de todos os mares do mundo. Quando soube que tlo alto personagem lhe rondava a porta, perdeu o norte, tirou o lemo por millo, e, desatvorado, por um ai que não mata a filha que adorava. Ter se lha dado uma tragedia se a coisa não parasse a tempo.

O principe D. Pedro seria aclamado rei dentro de dois annos. Preparava-se, aquelle sympathetic e meditador espirito, estudando rudemente para desempenhar o complicado officio de rei.

D. Fernando limitava-se apenas a cumprir os deveres do seu cargo, abstando-se completamente de intervir na politica do governo. Tambem a epoca era de grande serenidade. Tinha, pois, todo o tempo livre o todo lhe parecia pouço.

Abriam-se as salas do Paço para frequentes recepções de caracter particular; Paço, que durante muitos annos mantivera a ca-

veridade da mão com que o e o e a vovoro do gran- de roda. E era uma bella gran- de roda a nossa: Cunhas, Belmontes, Lins, Layas, Bel- las, Rios Maio- res, Assacas, Pontes, Villan- cas, e tantos e tantos, não só da velha rocha, mas de familias distinctas que tinham entrada na côrte. Alguns d'essas familias não frequentavam o Paço por pertencerem ao antigo regimen. Imagnem-se quantas raparigas, de olhos accessos e setos



Na Batalha — Aspectos populares



Na Batalha — Aspectos populares

a hystérica na sensualidade é de tal modo ardente e requintada que não chega nunca a realizar as ambições desenfreadas dos seus nervos.

At! do homem que lhe cabo nos braços!

Monte de Caparica, Torre, 1901.

Bulhão Pato



A chegada do comboio real á estação de Leiria

(1) Inedito do 3.^o volume das *Memorias*.

Ainda bem não está ultimado o accordo, que as potencias reunidas conseguiram ao cabo de peripetias tão trabalhosas impôr á China, e já começam a vir a lume interessantes revelações sobre o que foi durante o periodo da occupação o afamado *concerto europeu*, de que as chancellarias tanto se ufanavam e com que pretendiam fazer pressão sobre o Celeste Imperio.

A primeira d'estas revelações, sensacional sob mais de um aspecto, é a que se contem nas tres cartas escriptas pelo general Voyron, comandante das tropas francezas na China, ao conde de Walderssee comandante em chefe, e publicadas ha poucos dias pelo *Matin*. Por ellas que se vêe foram tensas, durante todo o periodo do maior responsabilidade para a Europa, as relações entre os dois generaes, e como aos esforços do comandante em chefe allemão para fazer respeitar o mando-supremo de que estava investido sempre o general francez correspondeu procurando por todos os modos, embora sob fórmas cortezes, evitar reconhecer e seguir a direcção superior do feld-marchal, a ponto de este ultimo se vêr obrigado a usar para com o seu inferior hierarchico de linguagem menos branda, como se deduz das cartas do general Voyron, as unicas impressas.

Esta publicação produziu na Allemanha impressão desagradabilissima, que se denuncia na attitude da imprensa. Assim, por exemplo, a *Berliner Neueste Nachrichten* escrevem a proposito do incidente o seguinte: «Estas cartas não deixam muito boá impressão, quando se consideram, não sob o ponto de vista da vaidade franceza, mas á luz da tarefa extremamente difficil que o feld-marchal allemão tinha a desempenhar. Pôde-se, em todo caso, attribuir alguma contribuição para o estado da psychologia dos nossos vizinhos do oeste».

A *Berliner Tageblatt* ainda frisa mais a significação do procedimento do general Voyron, pois diz sem rebuço o que se segue: «As cartas apenas provam que os generaes francezes tinham recebido instrucções do governo de Paris para procederem extra oficialmente por fórma a tornarem tanto quanto possível illusorio o commando supremo do conde de Walderssee, que aliás a França tinha reconhecido...».

E depois d'esta amostra de confraternisação ainda continuará a fallar-se na solidéz do concerto europeu e na lealdade com que todas as potencias se desempenhavam dos deveres, que para cada uma d'ellas do referido pacto dimanavam! Como os chinezes se devem estar rindo das nossas ficções diplomaticas, e como no fundo elles tem razão, quando allum com sobranceiro desdém para a nossa civilização, que taes exemplos de duplicidade lá foi deixár!...

Appareceram ultimamente na imprensa ingleza dois artigos a respeito da politica externa da Grã-Bretanha e da sua mais conveniente orientação no futuro, que merecem especial reparo, por denunciarem evidentemente as novas correntes que começam a accentuar-se na opinião publica da Inglaterra. Um d'esses artigos foi publicado no *Times* de 20 de outubro ultimo. O outro viu a luz no numero do mesmo mez da *National Review*.

Conforme é sabido a nota dominante da politica tradicional dos dois partidos ingleses tem sido até hoje a russophobia. A esta ideia ou antes a este sentimento subordinaram sempre whigs e torys a orientação do *Foreign Office*. Tratava-se de apreciar qualquer acto do governo de S. Petersburgo. Era inutil estudal-o nas suas relações com os interesses britannicos. Vinha da Russia ou apparecia por ella apodinhado o dever da Inglaterra era oppor-lhe o seu *visé* formal, embora mais tarde tivesse que modificar a intransigencia da primeira attitude, invariavelmente de opposição systematica. Assim pouco a pouco foi entrando no convencimento da Russia que o inimigo hereditario da expansão slava, mais do que nenhum outro temível para o imperio, era a Inglaterra. Esta apprehensão, de resto justificada pelo inalteravel procedimento do gabinete de S. James, foi habilmente aproveitada pela Alemanha e até certo ponto tambem pela França, que decerto nunca teria conseguido ligar a si a Russia se outras fossem as relações d'este estado com a nação britannica.

Pela sua parte a Inglaterra para fazer face ás eventualidades do conflicto sempre eminente com a Russia procurou como ponto de apoio a aproximação politica dos Estados Unidos e da Allemanha, invocando os interesses superiores da raça germanica, de que as tres potencias são a maioria. Esta politica julgára-se em tratado com Chamberlain se esforçou por ultimar, e que de facto jorgo houve conseguido, quando fez a celebre declaração, que não tardou a provocar o mais formal desmentido tanto de Berlin como de Washington.

E como se isto não bastasse, veio a guerra sul-africana abrir os olhos aos mais confiados. Tanto nos Estados Unidos como na Alemanha encontrou a Inglaterra não só más vontades evidentes, senão tambem hostilidades systematicas, principalmente n'esta ultima nação onde o secretario da colonia julgára ver um aliado inevitavel aliado. Muito embora Guilherme II, com pensamento reservado facilmente penetravel, de resto, procure manter as mais cordes relações com a Inglaterra, o povo allemão em inquietar crescendo vae dia a dia accentuando a sua animosidade contra a Grã-Bretanha, cuja supremacia maritima procura a todo o custo abater e cuja influencia politica se esforça por annular, já pelo trabalho occulto da sua diplomacia, já pela propaganda da colonia sua imprensa. Demais, explorando naturalmente a inimizade tradicional entre a Inglaterra e a Russia, tem conseguido aproveitar-se com vantagem de um estado de cousas, que em grande parte, pelo menos n'estes ultimos tempos, é obra sua.

Não admira, pois, que em Londres se comece seriamente a pensar na conveniencia de mudar a actual orientação da politica externa, discutindo a oportunidade de se chegar a um accordo franco e leal com o adversario de até agora. Na opinião publica começa esta questão a tratar-se com insistencia, e traduzindo as novas tendencias de

espirito das classes dirigentes a imprensa principia a tomar conta do assumpto.

Entre a Inglaterra e a Alemanha todos os interesses são oppostos, reconhece-se agora. Rivaes na supremacia commercial; rivaes na preponderancia maritima; rivaes no predomínio industrial; rivaes na expansão colonial; rivaes na influencia politica; tudo n'ellas é antagonico, tudo n'ellas constitue invencivel obstaculo a qualquer alliança sincera ou duradora. E' ephemero e inconsistente quanto momentaneamente as podê ligar— como o pacto a respeito da Africa, e o convenio a respeito da China. Pelo contrario é incontratavel, porisso que a iniciativa da propria natureza das cousas, tudo o que se separa. Por outro lado, se se abstrahir dos prejuizos e dos caprichos, que até agora tem desnaturado as relações anglo-russas, ver-se-ha que os interesses das duas potencias, com possiveis e nada custosas concessões reciprocas, são perfeitamente conciliaveis.

Emquanto que as causas do dissidio entre a Inglaterra e a Allemanha são profundas e organicas, pois derivam da irreductivel opposição dos interesses economicos, os motivos da rivalidade entre a Inglaterra e a Russia são apenas politicos, e portanto accidentaes, isto é, facilmente removiveis por opportunas combinações diplomaticas.

A Russia não disputa á Grã-Bretanha nem o imperio dos mares, nem a hegemonia na industria ou no commercio. Pelo contrario, no desenvolvimento do poderio commercial e industrial da Inglaterra pôde ella encontrar recursos para o seu proprio engrandecimento. Mas diz-se: a questão da Turquia, a questão do golpho Persico e a questão da Arabia Saudita sempre foram o ponto de encontro de duas potencias. Porque? Não é a Asia bastante vasta para oferecer ás duas potencias rivaes sufficientes compensações? E por outro lado não carecem ellas de unir os seus esforços para fazer face ao perigo sempre crescente da expansão germanica, que já de facto invadiu a Turquia, que ameaça o golpho Persico pela concessão do caminho de ferro de Bagdad, e que na China, com a tomada de Kian Tchau aspira a nada menos do que a tornar-se all prepotente na Asia?

Silva estes os argumentos dos partidarios da alliança anglo-russa. E' obvio que por ora similhante evolução na politica externa dos dois paizes encontra tanto na Russia como na Inglaterra más opposição do que favor. No entanto a ideia começa a agitar-se, a propaganda d'ella allarga-se todos os dias, e não será para admirar que mais cedo do que se julga ella se converta em facto consummado.

Mais um curioso symptoma da animosidade sempre em augmento da Allemanha para com a Inglaterra, é o actual movimento de protesto em todos os estados germanicos contra as palavras de Chamberlain, pronunciadas no seu ultimo discurso de Edimburgo a proposito da guerra sul-africana. Respondendo aos que accusam a Inglaterra de proceder barbaramente no Transvaal, o secretario das colonias affirmou que pelo contrario o governo ingles, em todo o momento da guerra sul-africana, sempre se esforçou por adoptar medidas de maior severidade, e que o exercito britannico em operações tinha usado de muito menor rigor do que em circumstancias analogas usaram a França na Algeria e no Tonkin, a Russia no Caucaso e na Polonia, a Austria-Hungria na Bosnia e na Herzegovina e a Allemanha na guerra de 1870-71 contra a França.

Em nenhuma das nações alludidas estas palavras, de resto inteiramente verdadeiras, levantaram protestos, a não ser na Allemanha onde estão a causar enorme cealema, a ponto de o imperador ter de intervir em pessoa.

A opinião publica já alvoraçada com a affirmação de Chamberlain, que ella transformou em propositada offensa ao exercito allemão por não lhe comprehender o sentido, ainda más se transiou com a propaganda da imprensa, a qual com pouquissimas excepções, tomou a seu cargo a ingrata tarefa de transformar as palavras pronunciadas em Edimburgo, apresentando d'ellas uma versão incorrecta com o fim de lisonjear o chauvinismo germanico. Dois jornaes apenas não fazem côro com estas atoardas e inactivas; a *Gazette de Voss* e a *Gazette de Colonia*. Esta ultima, por exemplo, publica a tradução exacta do texto official, e acrescenta que com a verdade em vez de exagerações e violencias melhor se servem os interesses allemães. Mas este procedimento sensato das duas folhas chinezas não em relação a este accusantissimo hostil, que para além do Rheno inspira todo quanto á Inglaterra se refere.

A presidencia de Roosevelt começa sob bons auspicios; e, o devido já á sua influencia ou por mero acaso, o certo é que mais de um facto parece denunciar nova orientação de vida na grande republica americana. O acontecimento do dia 6 é a monumental derrota que acaba de soffrer em Nova-York a poderosa e monumental *United Tammany Hall*, por occasião da eleição do Mayor (presidente do conselho municipal) d'esta cidade. O candidato da colligação, Mr. Low, venceu por uma maioria superior a 30.000 votos. Para se comprehender bem a significação moral d'esta grande victoria da moralidade nos Estados Unidos, aqui deixamos transcripto o que a respeito d'ella disseram o bispo Potter e o proprio presidente da republica.

Ao saber o resultado da eleição o primeiro exclamou: «Deus deca julgado, que Nova-York se libertou dos thugs da honra e da decência!» O sr. Roosevelt telegraphou ao candidato vencedor: «Felicito a cidade de Nova-York ainda mais do que a vós-próprio pela esmagadora victoria do partido da honestidade».

Curiosa coincidência. Quasi ao mesmo tempo era tambem derrotada nas eleições municipales de Naples a lista da Camorra, a associação que na Italia tem o triste privilegio da celebridade da Tamany Hall!

O jornalismo e a critica litteraria



uno se transforma n'este mundo, e os velhos têm a mania de que tudo se transforma para peor.

Effeitos da presbytia, que lhes não deixa ver claras as coisas proximas, e só lhes permite a visão nítida das que lhes ficam já distantes.

Mas o que é factó é que o jornalismo, ainda mais do que qualquer outra instituição humana, se transmudou e metamorfoseou, por dentro e por fóra, de tal arte que quem houvesse adormecido durante um quarto de século, mal logriaria, ao acordar, reconhecer nos jornaes modernos os legitimos e directos successores dos que lêra ou em que collaborara vinte e cinco annos antes.

Então a folha periodica vinha a custar mais de 20 réis aos assignatantes, e se alguém, o que era raro, a queria comprar avulso, custava-lhe o bello pataco de suja e disforme memoria. Hoje custa 10 réis, e quem tiver a paciencia de esperar pelo fim da venda apanha nada menos de dois jornaes diferentes por aquella modica quantia.

Sob o ponto de vista economico, parece esplendido progresso. Mas d'antes quem adquiria a folha tinha a certeza de encontrar n'ella, quando menos, tres paginas e meia de leitura ao seu paladar e gosto. De modo que um jornal, um só, enchia todas as horas vagas de uma manhã.

E hoje? Hoje, Deus do céu! é certo que o jornal custa metade ou menos do que outr'ora, mas, logo na primeira pagina, lhe roubam um terço ou um quarto da materia os annuncios privilegiados; depois vêm outros em tropel na segunda e terceira paginas, sendo inutil sequer voltar a ultima quem não foi dado ao genero litterario de offerta e procura de criadas de servir, de papagaios e fraldiqueiros que fogem dos respectivos domicilios, e de namorados que exhibem o seu romanticismo amoroso a tantos réis por linha.

D'antes, um acontecimento importante, um caso sensacional, como hoje se lhe chama, contava-se em meia duzia de palavras do noticiario, e seguia-se avante; enquanto que hoje os pormenores e particularidades de qualquer factó occorrido enchem columnas e columnas por dias successivos; e quem tem a ventura de passar os olhos por mais de um jornal encontra repetidas pelas mesmas palavras as descrições, as noticias, os commentarios, a parte da policia, e a relação larga de despachos e mercês, realisations ou em via de realisação, e de nomeações e transferencias, que, por via de regra, lhe não interessam absolutamente nada e que n'outros tempos os agraciados iam procurar na folha official.

E é claro que se não fala d'essa larga collaboraçoão uniforme, que, a troco de modesta quantia, a agencia Havas ou outra qualquer da para todos os jornaes que publicam os mesmos telegrammas, sem, na maior parte dos casos, lhes acrescentarem um esclarecimento, um commentario, uma critica.

E no domingo, quando o assignante julga ter mais folgadão ocio para se deliciar com o seu jornal, então é que o logro é completo, porque n'esses dias, é elle quasi exclusivamente destinado a annuncios e mais annuncios, que d'antes encontravam o seu logar no *Noro Grats*.

Custa, é certo, muito menos o jornal, mas tambem tem muito menos que ler, e sobretudo, tirando os artigos de fundo, não tem individualidade, pois diz exactamente o que todos os outros dizem.

Ha gloriosas excepções n'aquelles a quem a boa fortuna sorri, e que, á força de augmentarem o formato e de apertarem a composiçoão vão dando guarida simultanea a artigos varios e importantes e á onda, sempre crescente e avassalladora, dos annuncios.

Assim como a leitura escassa ao assignante, o espaço falta ao redactor, que se mette a um canto, dando, em vez da sua prosa, a prosa do annunciante, a da agencia telegraphica, e por fim a do *reporter*,—a que nos poderiamos chamar em bom portuguez, dizedor ou referidor,—machina aperfeçoada de contar casos com todas as minudencias, como a curiosidade morbida dos leitores, e educada para este excesso de pormenorisaçoão, está reclamando.

Depois, com esta activa collaboraçoão, o jornal moderno tomou uns ares surrumbaticos e tristes: desastres aqui e em todas as partes do mundo, mortes, crimes, incendios, catastrophes, misérias, torpezas, guerras, fomes, epidemias, execuções patibulares de mistura com annuncios de servicos funebres, de enterros, de cangalheiros baratos, de tumulos e de cordões! Um horror tal horror, tal que é preciso que o leitor tenha a sensibilidade muito embotada para almocar com bom appetite depois de ter lido duas columnas da sua folha.

N'outros tempos, não era bem assim. Tirando a rhetorica inflamada do artigo de fundo, sobretudo se era em jornal opposicionista, tudo o mais procurava ser alegre e agradável, desde os bons ditos, que sapicavam o debate politico, até aos arrebiques litterarios da secção noticiosa, desde os romances ligeiros e de festivo entreato, até aos folhetins salitantes de chiste e de boa graça portugueza.

E' melhor ou peor o presente do que o passado?

Eu, por mim, estou em suppor que, se o progresso não é uma palavra vã, tudo se tem aperfeçoado, tudo, menos o espirito dos velhos, que olham pertinazes para as coisas e praticas dos seus bons tempos, tão aureolados para elles pelo prestigio da saudade.

Mas, pois que o redactor foi forçado a abdicar, perante a trindade omnipotente de telegramma, da noticia e do annuncio, e se desprendeu do amor a cada uma das palavras, a cada uma das linhas, a cada um dos artigos do seu jornal, refugiando-se no exclusivo da secção politica, tão breve quanto possível para não abusar do espaço que escasseia, á critica litteraria, essa planta tão mimosa e que tantas sollicitudes reclama no cultivo, tem de viver á moda de mil demónios, ou de vegetar, esmagada pelo escalacho do annuncio, que medra e cresce por todas as columnas da folha.

Quando eu andei a estragar esterilmente muitos e bons annos da minha vida na faina activa da imprensa periodica, uma das coisas que mais me preocupava era a apreciaçoão dos trabalhos litterarios; e se o drama ou comedia se ouvia delectosamente em tres ou quatro horas de noite bem passada, não era assim o livro, ou fosse romance ou poesia, historia ou doutrina scientifica, porque esse reclamava compridas horas de leitura concentrada, e confesso que não raro me vi assobado por este trabalho, que só uma vez declinei, tendo com isso uma notavel esaltoraria.

Ora, hoje que quem menos escreve no jornal são os jornalistas, precisavam elles lorrar-se a esse trabalho; e assim como para o movimento theatral já inventaram a secção de reclamos, em que cada empreza diz maravilhas das peças que tem em scena, assim era preciso que acontecesse com o livro, não menos digno de reclamo do que a peça.

Acontecendo que alguns volumes tivessem publicado, sem que nunca os jornaes houvessem d'elles falado, cheguei, na minha vaidade, a suppor que era victima da conspiraçoão do silencio, quando um amigo que estava no jornalismo me abriu os olhos, dizendo-me haver recebido um volume meu, mas que não ia com elle o artigo para publicar.

Fiquei attonito. O artigo?

Sim, por que lá no jornal não havia tempo nem quem tivesse paciencia de se occupar do assumpto; mas tudo quanto eu escrevesse ou mandasse escrever seria publicado prontamente e do melhor grado.

De outra vez, offereci uma publicaçáo de certo interesse para militares a uma redaçáo onde elles superabundavam, e o que ainda mais é, offereci-a tambem a um jornal, que devia ter certo interesse politico de falar d'ella; pois, como não ia o artigo junto, nem um nem outro se deu sequer ao incommodo de escrever as breves linhas do *recebem e agradecemos*.

Por fim, tirei a conta prova, quando me foi editado um opusculo, que o editor precisou collocar, e ácerca do qual, por isso, escrevi numerosos artigos, que todos os jornaes, amigos e indifferentes, deram logo á estampa, sem lhes alterar uma virgula nos louvores.

Tenho eu um amigo que se me lastimara já do silencio que caia sobre as minhas publicações, e que d'esta vez veiu jubilo dar-me os parabens pelo bom acolhimento que a minha obra tivera na imprensa. Desatou a rir, não sem o testemunhar a minha admiraçáo pela pericia, adquirida no habito diuturno, com que o meu editor variava de estylo, de pontos de vista nas apreciações, de citações do trabalho, de commentarios elogiosos; e fiquei então percebendo por que é que os jornaes todos, talvez sem excepção, annunciam e recomendam com benévolo favor publicações adversas ás suas crenças e principios, e com a mesma phrase encomiastica com que preconizam e noticiam as da feição partidaria ou as politicamente indifferentes.

Trabalho dos editores e benevolente mercia do jornalismo! Se o annunciante exalta a sua mercaderia, ou seja genero alimenticio, artigo de vestuario, mobilia, tumulo, corria de laranjeira, enterro, ou artefacto industrial; se a industria theatral conta as excellencias das comedias e dramas que faz representar, porque não faria a industria editorial a mesma coisa? O sol da publicidade elogia, quando nasce é para todos, que todos são igualmente filhos de Deus!

Não quer isto dizer que não haja numerosas e honrosissimas excepções e que no jornalismo não appareçam, aqui ou além, verdadeiros artigos de critica litteraria, com verdadeiro criterio e auctoridade das redacções; mas tambem ha d'esta obra de fancia, que o leitor ingere, de mistura com os telegrammas, annuncios e noticias sem interesse, e que tudo entra no computo dos 10 réis que lhe custa o jornal, no fundo muito mais caro do que o jornal que outr'ora lhe custava o quadruplo d'essa quantia.

Quer dizer simplesmente que me arrependo da ingenuidade com que me dei ao trabalho de ler com cuidado e attentão muitos volumes, dos quaes grande parte o não mereciam, quando o expediente de pedir artiguinho ao proprio auctor simplificava a coisa, poupava trabalho vão e deixava todos contentes.

E se me disserem que o jornalismo moderno, na sua feição pratica e expedita não vale mais do que o antigo, direi, convencido já do meu erro de velho, que ou é resultado de cataractas, ou então é exaggero de presbyopia que não deixa ver ao pé, sem os olhos das conveniencias.

QUASI "MINUËTE"

(Composto aos 15 annos)

Oscar da Silva

Com certa graça

mf.

1.ª vez.

1.ª vez.

2.ª vez.

cresc.

cantabili

p.

1.ª vez.

2.ª vez.

delicido

Red. # Red. #

2.ª vez.

stacc.

f. ebem rithmada

ten.

ten.

ten.

ten.

non legato

mf.

dim sem rall.

p.

Tempo Iº

1.ª vez.

2.ª vez.

cresc. ca. accel.

docedido

pp.



MADRUGADA NA PORTELLA
(Quadro a óleo de David de Mello)



A visão do desterro

A' hora triste, quando o sol expira,
— O sol expira sobre um mar immenso —
Uma branca visão d'olhar intenso
De modo affavel olha-me e suspira.

Que doce olhar de maternal affecto!
— Vae desdobrando a noite lenta e lenta —
Cae no meu coração, como agua-benta,
Um balsamo subtil, bom e discreto...

Assenta-se a meu lado, e, meigamente,
— Ha murmurios suaves nos espaços —
E meigamente me abre os magros braços
Como leal amiga e confidente.

E abraçando-me qual mãe carinhosa
— Um silencio profundo a noite exala —
Com ternura me beija e assim me fala
Na sua branda fala suspirosa:

«Sou a terna Saudade, irmã do Amor,
— Por noite vaga ha sonhos que se evolum —
Eu sou a mãe eterna dos que choram
Pesadas lagrimas d'immensa dôr!...

Nasci na rocha nua á beira-mar
— O mar soluça canticos suaves —
E sempre desterrada como as aves
Eu choro pela patria e pelo lar...

Creança ainda esvasiei a taça,
— Descem do espaço lagrimas secretas —
A taça capitosa onde os poetas
Sorvem cantando o germen da Desgraça!

Quando menina e moça, ai! os artistas
— O ceu é vasto como um sonho vago —
Vinham beber, como n'um doce lago,
N'estes meus tristes olhos d'ametistas!...

Como o Judeu da lenda, eu ando errante,
— Ha frios glaciaes, um ar que corta —
E venho hoje bater á tua porta,
Pois venho de bem longe, bem distante...

Eu venho d'alem mar p'lo mar em fóra,
— Na lua fria ha um palor estranho! —
Venho trazer p'r'o teu soffrer tamanho
As lagrimas d'alguem que por ti chora.

Poucos te querem sim, mas esses poucos
— No largo ceu immenso astros fulguram —
Com tal affecto te amam, te procuram,
Que andam a chorar sempre, como loucos.

E' que taes almas, poucas que te ficam,
— Ha um grato perfume na amplidão —
São essencia das almas d'eleição,
São almas que na Dôr se purificam!

E eu que sou tua sincera amiga;
— Ha no espaço uma nota dolorida —
Venho beijar-te a fronte amortecida
Porque uma dôr igual nos une e liga...

Assim segreda essa visão estranha.
— Em musica dolente o mar murmura —
E' tão suave a voz, tem tal doçura
Que parece luar que as almas banha!...

E eu taciturno e grato e commovido,
— Na noite triste ha um silencio enorme —
Com ar sonambulesco de quem dorme,
Beijo-lhe as brancas mãos reconhecido.

E respondo: «Eu tambem te amo e te sigo
— Na noite funda ha uma voz amiga —
E ainda que fosses tu minha inimiga,
Seria, visão doce! teu amigo!

Se não viesses, eu fóra procurar-te
— Ha no infinito um agitar disperso! —
Pelo ceu, pelo mar, pelo universo, —
Tal como tu a mim, por toda a parte!

Atraz de ti, como uma doida errante,
— Um rumor cavo na amplidão se agita! —
Anda a minha alma, espavorida, afflicta
E tu és meu algoz e eu teu amante!

Nascemos p'ra soffrer, fatal consorte!
— Em noite clara ha nuvens tenebrosas —
Nós nascemos a horas duvidosas
Em que, na sombra, anda a rondar a Morte!...

Conheço-te, visão, desde creança,
— Pelo ceu, pavidó, agonisam astros —
Conheço-te assim branca d'alabastros,
Saudez, successora da Esperança!...

Conheço a tua essencia, atroz visão,
— Relampagos febris sulcam a treva! —
Nascestes do ermo pó que o vento leva
Da tragica ruina da Illusão!...

Tu és filha d'um louco sonhador,
— Raios saticanos o ceu desata! —
E teu beijo de gelo queima e mata,
Fere bem mais do que o punhal da Dôr!

Anjo ou mulher d'instincto duro e féro!
— Engrossa a treva, dobra a tempestade! —
E sejas Dôr, Amor, Mágua ou Saudez,
Gerou-te a Ancia mais o Desespero!...

E a pallida visão de ar satisfeito
— Uiva na escuridão a noite cava! —
Submissa e muda, tal como uma escrava,
Lentamente se embebe no meu peito!...

Do livro inédito *Saudades de Portugal*,
escrito em Africa.

MARIANO GRACIAS.

As nossas gravuras

As exequias na Batalha. — Foi uma cerimonia grandiosa a que se celebrou no dia 28 de novembro no Mosteiro da Batalha, n'esse padrao das glorias nacionaes, fundado pelo mestre de Aviz. A presença de El-Rei, da Rainha e dos Príncipes, acompanhados pelo ministro da justiça, pelo Patriarcha de Lisboa, pelo Bispo-Conde de Coimbra, pelo chefe do districto de Leiria e por outras auctoridades deu á cerimonia um grande lustre. Os restos mortaes de D. Afonso V, da rainha D. Isabel sua esposa, de D. João II e do malogrado infante D. Afonso, foram tirados dos esquifes onde jaziam e collocados em tres urnas, sendo os ossos da rainha e os de seu neto reunidos n'uma só.

Antes da cerimonia religiosa, os soberanos deram recepção na sala do Cabido onde havia sido armado o throno, e depois do almoço, dirigiram-se á igreja em que se fizeram exequias sollemnes, subindo ao pulpito o grande orador sacro, o conego Alves Mendes, que fez o panegyrico das personagens reaes, já citadas, lançando no fim Sua Eminencia o Patriarcha de Lisboa as absolvições. Então, formou-se o cortejo para depôr na capella do Fundador as tres urnas, pegando ás argolas o Principe Real, o infante D. Manuel, o ministro da justiça, as auctoridades do districto e os altos dignitarios que formavam a comitiva real.

Em Leiria e na Batalha, assim como em todas as outras povoações atravessadas pelo cortejo real, houve entusiasticas saudações populares aos monarchas e á noite grandes illuminações, sendo suas Magestades acompanhados até á estação de Leiria por enorme multidão.

As nossas gravuras reproduzem varios aspectos da cidade, por occasião da visita real, e do Mosteiro, á chegada do cortejo.

Cyriaco Cardoso. — Em commemoração do primeiro anniversario da morte d'este compositor portuguez que era incontestavelmente um grande artista, trasladou-se de Lisboa para o Porto, o esquite onde elle jaz, prestando-se n'esta ultima cidade uma alta homenagem de saudade a quem tanto queria ao Porto e á arte do seu paiz. A trasladação para o cemiterio do Repouso fez-se com a maior pompa, n'um cortejo que foi uma verdadeira apothose, e que a objectiva photographica da nossa Revista reproduz em quatro clichés.

Madrugada na Portella. — Damos hoje a reprodução de uma tela de David de Mello, pintor muito novo que começou ha pouco a sua carreira, mas que promette ser um artista distinctissimo.



Typos das ruas

DO RIO DE JANEIRO



O engraxador

DE LISBOA



O caustelheiro

Visita do ministro de Portugal no Brasil ao Estado de S. Paulo



O ministro em Campinas

TEVE uma recepção entusiástica na sua visita ao Estado de S. Paulo o illustre ministro de Portugal no Brasil, o sr. conselheiro Camello Lampreia. Do seu desembarque em Santos e das visitas que fez n'essa cidade, damos hoje varias gravuras. E não foram apenas portuguezes que se esmeraram em receber condignamente o representante do seu país. O povo paulista associou-se a essas festas, espontaneamente, e o desembarque do sympathico diplomata e o cortejo que do caes o acompanhou ao hotel, transformaram essa recepção n'um verdadeiro triumpho. O sr. conselheiro Lampreia entrou em Santos a bordo do *Danubio*, e a sua entrada foi saudada com uma salva de 21 tiros, passando depois S. Ex.^a para a lancha, onde ao seu encontro tinham ido os representantes do Centro Portuguez, da Beneficencia Portugueza, da Colonial tocou os hymnos portuguez e brasileiro, erguendo-se então viras ás duas nações. Um almoço lhe foi offertado, trocando-se brindes e saudações. N'esse mesmo dia visitou o edificio da Sociedade Portugueza de Beneficencia, que estava todo ornamen-



Chegada ao caes de Santos

tado, e onde lhe foi entregue o diploma de socio honorario. No seguinte visitou S. Ex.^a o cruzador torpedeiro *Tymbira*, sendo recebido a bordo por toda a officialidade que lhe offereceu uma taça de champagne. Voltando para terra á tarde, dirigiu-se com a sua comitiva para o Real Centro Portuguez, onde no salão principal foi S. Ex.^a obsequiado com uma esplendida mesa de doces. Quando sahiu do Centro, o sr. conselheiro Lampreia visitou as redações dos jornaes que t'ho amavelis se haviam mostrado para com o representante de Portugal.

No terceiro dia, depois de visitar o tumulo de José Bonifácio de Andrada e Silva, esteve na Associação Commercial onde se



Hotel de Menino de Deus em Santos



O desembarque em Santos

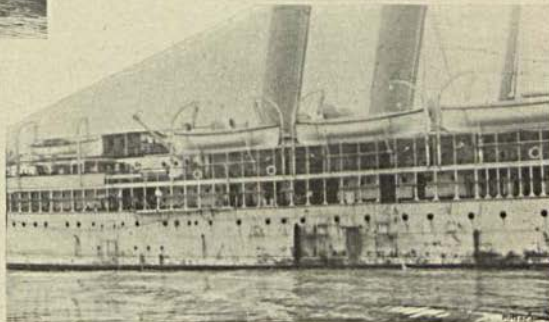
serviu uma taça de champagne, indo almoçar a casa do sr. commendador Alfaya Rodriguez, consul da Republica Argentina, que em eloquentes palavras saudou o nosso representante. Este agradeceu em sentidas palavras de reconhecimento a gentileza do sr. Alfaya e as atensões que todos lhe haviam prodigalizado. Visitou



O cortejo em Santos

a seguir a alfândega, sendo recebido á porta pelo inspector, e embarcando depois para o Guarujá, onde se dirigiu para a Santa Casa da Misericórdia, que é um edificio de primeira ordem, como se vê das gravuras que inserimos.

No quarto e ultimo dia visitou a sociedade Humanitaria dos Empregados do Comercio, sendo alvo de manifestações eguaes ás que lhe haviam sido feitas em todas as outras sociedades que o receberam, e que não são senão a confirmação brilhante das sympathias que S. Ex.^a tem em todo o Brasil, e da cordialidade de relações que existem entre os dois paizes.



O *Danubio* ao entrar em Santos, conduzindo o ministro de Portugal

De Santos dirigiu-se o sr. conselheiro Lampreia para a cidade de S. Paulo, sempre acompanhado por sua esposa.

Acompañou o tambem em toda essa viagem o director d'esta Revista o sr. Lorjô Tavares que áquella data estava em Santos.

Visita do ministro de Portugal no Brasil ao Estado de S. Paulo



O edificio da Misericórdia, em Santos



O edificio do theatro portuguez



A capella d' misericórdia



Entrada do ministro na Sociedade Humanitaria, em Santos



O conselheiro CAMELLO LAMPREIA sabindo da misericórdia de Santos



O consistorio na misericórdia



Edificio da Sociedade de Beneficencia portugueza, em Santos



Grupo á entrada da Beneficencia Portugueza



Vista geral da cidade de Santos



Vista geral da cidade de Santos



Hotel na ilha do Guarujá



Homenagem a Cyriaco Cardoso

NO PORTO



Saída do cortejo da igreja dos Congregados depois das exequias



O cortejo desfilando na rua de S. Lázaro, em direcção ao cemitério



Interior do templo, durante as exequias na igreja dos Congregados



No cemitério do Prado do Repouso, durante os discursos

MODAS

Toilettes de inverno

N'esses ultimos tempos apertou o frio e com elle a necessidade dos grandes abatos. E' porisso que as gravuras hoje apresentadas pelo *Brasil-Portugal* s'ó tratam d'este genero de *toilettes*. Damos o primeiro logar a uma elegantissima capa de seda, que tanto pode servir para vistas como para passeio:

Fig. A

Capa para grande «toilette»

Esta luxuosa capa faz-se em *faulle* ou setim preto, é toda ás pregas e montada sob um bello cabeção, ornado de *pattes* em *broderie* cachemira. Em baixo,



Fig. A

Capa para grande toilette

tanto adiante como atraz, é arredondada em ponta e gusnecida em tola a volta com tres vizes da mesma seda.

Grande gola em forma de vaso na mesma *broderie* cachemira, d'onde sae um alto e farto folho de velludo preto.

Fig. B

Casaco em panno preto

Muito comprido e aceriado este elegante casaco para senhora alta é guarnecido de tiras onduladas de setim preto pespontadas. Grandes bandas forradas

de setim, e gola alta, direita, em astrakan. Manga larga em baixo, ornada tambem de tiras de setim pespontadas. Saia em panno cinzento claro e *toque* em velludo cinzento e preto.

Fig. C

Grande capa de panno «gris fer»

Fôrma de sacco. As costas teem um largo macho no centro e são montadas sobre um espelho liso, recortado ao meio como a gravura indica. A cintura é ligeiramente vincada nas costuras dos lados. As frentes formam tambem um largo macho de cada lado e são tambem montadas sobre um espelho. Gola voltada e largas bandas. Pelo lado de dentro da gola sae uma outra, alta, cujas extremidades em forma de *pattes* caem sobre as bandas. Varias ordens de pespontos orlam a capa a toda a volta. Manga bufante apertada n'um punho e terminada por um folho que cae sobre a mão.

Chapeu em feltro á marinheira, em feltado apenas com um laço de velludo.



Fig. B

Casaco em panno preto

Fig. D

Vestido «tailleur» em panno setim

Saia lisa na frente e ás pregas fundas, deitadas, nos lados e atraz.

Largo vize de panno enfeitada a saia e fôrma *patte* na frente. Jaqueta formando columna atraz e adiante com pequenos quartos nos lados. A frente é aceriada e fecha com uma ordem de botões. Um vize estreito do mesmo panno e pespontado guarnece toda a jaqueta, que é decotada em quadrado na frente sobre um pequeno espelho de panno branco bordado. Gola alta igual. Manga direita alargando em baixo sobre um tufo de panno branco igual ao do espelho.

Chapeu redondo de feltro com um laço de velludo, completa esta simples e elegante *toilette*.



Fig. C

Grande capa em panno gris fer

Fig. D

Vestido tailleur em panno setim

Theatros

D. Âmpelia

Zaconi

Exgotados os adjectivos e as exclamações fica a linguagem impotente e falha para dar a medida do excepcional valor de Zacconi. Sem quererem percorrer outros palcos, tinhamos visto o passar pelo de D. Âmpelia tantas celebridades do theatro moderno que quasi se nos afugurava impossivel ver quem as excedesse. E se entre todas destacassemos tres, maior se apresentava ainda essa impossibilidade.

A Duse derá-nos o drama moderno na mais alta expressão do naturalismo, na maior profundidade de sentimento e n'uma riqueza de processos d'arte, que nos deixou para sempre no ouvido a sua voz estrangulada pelo soffrimento, a tortura das suas supplicas, o desvario das suas paixões, e na retina a côr macerada das faces, os labios convulsionados pela febre do amor, e sobre tudo, as attitudes, essas attitudes tão humanas, tão suggestivas, tão cheias de verdade e de encanto, que constituem um dos mais poderosos elementos da sua arte.

Novelli fizera-nos o effeito de possuir uma faculdade inigualavel: a de colher em flagrante a verdade, a verdade que quer que a procurese, n'um accidente da vida, n'um traço da phisionomia, na doçura de um olhar, na impetuosidade de um caracter, nas convulsões de uma agonia, nos arrebatamentos de uma paixão, na nevrose do talento, nos rasgos do heroismo, no pavor da morte. A sua mascara privilegiada servia-lhe á maravilha para a expressão plastica de todos os sentimentos. Um grande, um extraordinario artista, como nunca tinhamos visto mais.

Vem Emmanuel, o mestre por excellencia, o admiravel interprete das creações de Shakespeare, e nada nos confrangia mais o coração, pela injustiça revoltante, do que vêr deserta a sala do D. Âmpelia todas as noites em que esse poderoso artista encarnando as figuras tragicas, do *Othello*, do *Hamlet*, ou do *Rei Lear*, parecia exgotar toda a escala dramatica das interpretações sublimes, tão vibrante, tão forte, e tão aberta a uma envergadura com que reproduzia as grandes figuras dessas tragedias.

Faltava-nos ver o Zacconi, que era apesar d'isso nosso velho conhecido. Não só havia já o seu nome atravessado as fronteiras, não só as noticias dos seus triumphos nos chegavam frequentemente pelos jornaes estrangeiros, mas tambem, e acima de tudo isso, Ibsen, o grande Ibsen, o proprio Ibsen, nos disséra, em Christiania, que não podia interpretar da sua obra o seu pensamento era Zacconi, que elle vira em Roma nas suas peças principaes.

Apesar de não ser bem escolhida a peça de apresentação *Os Deshonros*, por não dar margem a que se exhibam em toda a sua vastidão os talentos d'esse actor excepcional, o publico ficou logo tomado de admiração e de surpresa, pela fórma nova, imprevisita, com que elle sabe colher a verdade, pela altura artistica a que sobe nos lances dramaticos, pela frequencia do olhar, o crispas das mãos, a vibração dos nervos, todas as manifestações violentas de um homem que se vê de chofre duas vezes deshonrado, pelo adultério que a esposa lhe confessa e pelo roubo que é forçado a praticar.

Em dramas de maior fogo e de mais responsabilidade appareceu Zacconi em noites consecutivas e os criticos que consideram *manque* a sua missão se deixarem de notar qualquer lapso, qualquer defeito, ou imaginario ou visto por uma lente de augmentar, tiveram o bom senso de abandonar esta tradição e pôr de parte a praxe convencional deante do pasmoso trabalho, das funciões de genio, das meticulosidades de estudo, do rigor da observação, da sciencia do detalhe, da vastidão de arte que Zacconi põe na reprodução humana, exactissima, inconfundivel, vivida, brilhante, unica, dos seus personagens.

E que elle é, por excellencia, um creador de almas. A sua natureza artistica é naturalmente predisposta para uma profunda elaboração psychica, para um trabalho interior de analyse e de sentimento, que o alheia de si mesmo e o encarna por completo, na pelle, no coração e na alma das figuras tragicas, ou deontes, ou aberradas, ou martyrisadas pela dôr, ou heroicas, ou em qualquer maneira, grandes figuras do drama moderno.

E por essa especial idiosyncrasia, por esse feito intellectual, por essa natureza privilegiada, para definir a qual o talento é uma palavra consinheira e pobre, que Zacconi é, dos grandes artistas que temos visto, o unico que, alem de nos fazer sentir, nos faz pensar.

Quando elle está em scena na posse integra do seu personagem, fazendo-nos esquecer em absoluto da sua propria individualidade — de tal fórma é exposta a que ali reproduz — como que temos a impressão de que n'esse trabalho portentoso ha o que quer que seja de superior á arte de imitar, ha um poder philosophico, um manual scientifico, um genio creador, que nenhum theatro encontra para arrancar á verdade de os seus piazais, recondito segredos, á natureza os seus privilegios, á sociedade os seus exemplares mais originaes e raros.

E vel-o no Orvalho dos *Espectros*, no Conrado da *Morte civil*, no *Pão Alheio*, no *Gringoire*, nas *Almas Solitarias*, no *Poder das trevas*, no *D. Pedro Curvo*, é vel-o em toda essa galeria de desgraçados, de detraçados, de personagens tocados pela Fatalidade, de figuras que parecem condemnadas pelo destino a uma vida de dor, dando alma, dando realidade a essas creaturas tragicas com que Tolstoi, Ibsen, Turgenioff, os maiores escriptores do norte, procuram, a poder de genio, derruir convenções, castigar vicios de raças, abalar privilegios de classes, pôr em toda a sua luz avistamos morbidos e corrupções invertebradas.

O interprete por excellencia, o que nos dá em toda a realidade

humana essas creações é elle. Elle não representa papeis: vive personagens, por meio de uma arte poderosa, mais admiravel ainda se atentarmos que a natureza o não dotou de recursos plasticos, da *masque*, que é em artistas como Coquelin, Novelli, a Sarah Bernhard, o nosso velho Taboria, um elemento de triumpho, se repararmos que elle vae buscar todas as suas glorias de artista a um trabalho perfeitissimo de psychologia, a uma analyse rigorosa e notavel nos seus detalhes, á conjugação, enfim do genio com o estudo, não podemos deixar de confessar que Zacconi é das mais poderosas individualidades de theatro que tem apparecido, e que de apresental-o em Lisboa, para o admirarmos nas suas melhores creações só, merece louvores e agradecimentos a empresa do theatro D. Âmpelia.

A companhia italiana é das mais completas que tem vindo a Lisboa. Vê-se que todos os artistas conhecem bem e cultivam conscientemente a arte em que alguns tem creditos já conquistados. Destacamos entre todos a primeira atriz L. Christina que tem os grandes papeis femininos nas peças de Fomini, e que dispõe de muito sentimento e variados recursos artisticos.

Enrico Dominici, que em papeis de galan applaudimos calorosamente ha 23 annos, é um actor distinctissimo, que representa com grande correção, e que é hoje, acima de tudo, um excellento centro dramatico. Cunhado de Zacconi e seu amigo intimo, é, depois d'elle, a primeira figura da companhia.

Gympasio

JAYME VICTOR.

O sr. Tenente. — Mais uma comedia allemã, e esta das mais vivas, espirituosas e bem ludadas, acaba de apresentar, n'um palco de Lisboa, o sr. Freitas Branco, que bem merece dos que atrevem das suas excellentes adaptações conhecem hoje algumas das melhores produções do theatro allemão.

Von Moser, o auctor de *O sr. Tenente*, é um dos escriptores dramaticos mais applaudidos da Allemanha. E esta comedia basta para, no genero, dar a medida das suas grandes qualidades.

São muito bem combinadas todas as scenas, tem situações achadas — com primor, personagens comicos traçados com arte, e graça a valer, que esufia por todos os lados da comedia.

A primeira foi consagrada á festa da actriz Barbara, que se encarregou do papel de *O sr. Tenente*. Da graça com que o fez, do relevo que lhe deu, do effeito comico que foi buscar ás situações principaes da peça, não se surprehe quem tenha acompanhado essa intelligentissima actriz em cada novo papel um novo triumpho.

A Barbara assim vestida de segundo tenente de hussardis, desenhando tão correctamente a personagem, evitando, com rara habilidade, carregar a nota que poderia descambar no ridiculo, e tirando da sua interpretação effeitos de um comico impagavel, é uma figura que não esquezc.

Quando lhe quebra o publico, bem lho provou n'essa noite, em que lhe encheu de flores e de brindes o camarim e lhe applaudiu calorosamente como as das suas actrices mais dilectas.

Falmira Torres, Telmo e Soller excellentemente nos magnificos papeis que lhes couberam.

Rua dos Condes

D. Juanita. — E, sem duvida a opereta que em Portugal e no Brasil conta maior numero de representações. Por isso se comprehende o anim com que de vez em quando as empresas a resuscitam, confiamos mais no seu exito que no de qualquer outra em primeira mão.

Não se furtou a esta tentativa a empresa da rua dos Condes, que aos melhores artistas da sua companhia confiou o desempenho da *D. Juanita*.

Confrontos é dispensavel fazel-os, e tantos, e tão bem talhados interpretes tem tido os personagens da opereta habilmente *arrglada* por Eduardo Garrido, que se tornaria difficil frisar os que melhor se tem desempenhado do encargo.

São os artistas da Rua dos Condes que estão n'este momento em foco e ha a apreciar o trabalho d'elles.

Mas, antes d'isso, é justissimo citar o nome do maestro Dias Costa, que com os seus conhecimentos musicaes, e o poder de disciplina que á sua batuta imprime, pôde dizer-se que foi a alma da representação da *Juanita*.

Rosa d'Oliveira que do principal papel se encarregou, teve scenas graciosas, trechos de musica em cantados, e comprehendeu bem o difficil personagem que interpretava.

Debutou em tenorino: Annibal Fragoso. Tem uma voz bonita e afinada que o publico applaudiu, como applaudiu nos outros papeis da opereta o Accacio Reis, Roque, Ernesto do Valle, Santos, Mello, Finto Costa, Raphaela Pons, etc.

Principe Real

As duas irmãs. — Se disserem a Eduardo Garrido que ponha nos traducções e novos *arrglas* em todos os theatros de Lisboa, elle desempenha se a tarefa á maravilha.

As duas irmãs é uma comedia de costumes, muito bem dialogada, cheia de situações delicadissimas, e na parte dramatica, de scenas violentas. Desperta grande interesse no publico pelo desenvolvimento de acção urdida por mão de mestre. E pena é que o acanhado espaço de que dispomos nos não deixe pôr em relevo as bellezas tanto do drama como de comedia que correm por toda a peça, na qual Adelina Ruas tem uma das grandes revelações do seu bello talento. Adelia Pereira, Peixoto, Setta, Machado, Ferreira, Lopes e Verdial formam um bello *ensemble*, de que resultou o exito obtido.

A empresa poz com muita propriedade e apurado gosto *As duas irmãs*, em que o actor Fiores confirmou os seus meritos de ensaiador.

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Comendador Barbo, 30

Paginas supplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 & 24

Directores

Agostão de Castello, Jayme Victor, Loty Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanchez
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
Encl. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Numero avulso	Moeda brasileira	ANNO	ANNO
.....	6 mezes	6 mezes
.....	3 mezes	3 mezes
.....	Numero avulso	Numero avulso
	

SUMMARY

Exequias reaes no convento da Batalha — SOUZA VITTIRO.
A morte de Rainha D. Maria II e a regencia de El Rei D. Fernando — BUIRÃO PATO.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
O jornalismo e a critica litteraria — A. M. DA GONIA BELLEM.
Quasi minute (MUMBAI) — OSCAR DA SILVA.
A visão do deitiero — MARIANO GRACIAS.
As nossas gravuras.
Typos das ruas — GILDO HERMIDIC.
Visita do Ministro de Portugal no Brasil ao Estado de S. Paulo.
Homenagem a Cyríaco Cardoso.
MODAS.
Theatros — JAYME VICTOR.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Capas para o «Brasil-Portugal».
O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa.)
Certas da Quinquena.
Um excipitor... decidido (Conto mudo).
O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.
ANNUNCIOS.

44 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — R. PADLO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4, sobrado).
FERREIRA — A. Leopoldo da Silveira.
PARÁ — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 56.
MANGABEIRA — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Leonelo J. de Medeiros & C.º
CEARÁ — Bellini Torres & C.º
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28.
FLORESTA — F. Pinto & C.º (Livraria Americana)
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

Em Africa

MOCIMBEQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MORAMBEDAS — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
BENGUELLA — Mathias & Tavares.
LOURENÇO MARQUEZ — D. Bernardo Hilfer da Silveira de Lourenço.
BOIA NA GUIA — Casar A. Gouveia da Silva Rosen. Theouetiro geral da provincia.

No India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Cass. Lucio Francesa — Rua Alfredo de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 1.
EVORA — Agente geral em Evora e ao sul, Luiz Freire Correia, Rua de Ladeira, 18.
BENAVENTE — J. N. Carvalho.
FONTE DE LIMA — Gema, Anselmi & Cem.º
COIMBRA — João Ribeiro Atrobas, Arco do Ivo, 12 & C.
BANGUELO — Augusto Passos.
BRANTES — Antonio Augusto Selgicor.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
C.º COBIACA — José Nardão da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde Lisboa — Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira
VILAXA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
COROCHÉ — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

ARIS — Xavier do Carvalho, Boulevard Clusby, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os srs.:
Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zef-rino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1,200 réis cada volume.
No Brasil custa cada capa réis 5,000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

O nosso dominio ultramarino

Tendo a *Chartered Company* publicado recentemente um mappa da Africa Central, incluindo no reino de Barotza uma porção de territorio nosso, segundo o tratado de 1891, o governo, por intermedio da secretaria dos Estrangeiros, apressou-se a protestar. O governo inglez respondeu logo de larando que o mappa não tinha valor algum official, e reconhecendo ao nosso paiz a justiza do seu protesto.

O 1.º de dezembro

Commemorou se hoje a data gloriosa da Restauração de Portugal. Ha um *Te-Deum* na Sé a que assiste o governo, e á noite illumination e musica na Praça dos Restauradores, onde está o monumento que celebra esse feito extraordinario dos nosso antepassados.

Temporal na Madeira

O governo recebeu telegrama dizendo que as chuvas torrencias que tem havido no Funchal provocaram desastros em varias partes da ilha, destruindo a cheia em Machico uma ponte, soterrando casas, matando 9 pessoas e ferindo muitas outras.

Uma mulher esfaqueada

Em uma casa onde residem mulheres facéis, o filho da dona de casa, rapaz de 16 annos, de nome Pepe, hespanhol, tendo acabado de almoçar, encontrando no corredor uma das raparigas moradoras na casa, feriu-a com uma faca de cozinha, depois de pequena altercação.

A mulher cahiu logo banhada em sangue e as outras gritaram. Acudiu a dona da casa que encontrou o filho na escada. Este disse-lhe:

—Fui eu que a matei. Vou entregar-me á policia.

Conduzida ao hospital, a ferida morreu d'ahi a horas. Chamava-se Carmen Romero Lopez, e era uma trigueira bonita e elegante. O caso fez grande sensação no arruamento.

Pepe é antipatico e novo. Tinha amiguadas alterações com Carmen que, ou porque gostava d'elle ou fosse porque fosse, lhe censurava acremte a situação deprimente que elle se creia em casa da mãe, estando ás sopas d'esta e sem trabalhar.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa — Está já em vigor a permuta de encomendas postaes entre a metropole e Lourenço Marques.

—El-Rei já regressou de Castello Branco onde esteve assistindo a uma caçada aos javalis, preparada e offerta pelo abastado proprietario d'aquella cidade o sr. Tavares Prouença.

— O sr. Marquez do Lavradio foi ha dias de pôr sobre o caído do mallogrado guarda marinha Fernando Dubraz dos Santos que se suicidou em Angola, varias coras que d'ali lhe enviaram para esse fim.

— O paé do suicido, o sr. Ministro da Fazenda foi agradecer pessoalmente ao sr. Marquez a captivante prova de camaradagem dos collegas de seu filho.

— Foi concorridissima a conferencia que o dr. Zepherino Gândido fez uma noite d'estas nas salas da Associação Commercial, sobre as relações commerciaes de Portugal com o Brasil. O conferente muito applaudido pelo selecto auditorio.

— Tres italianos suspeitos que, corridos da Hespanha, haviam transposto as nossas fronteiras, foram presos em meo Março e dois em Lisboa.

— Na capella de S. João Baptista, na igreja de S. Roque, vai ser collocado um busto em bronze do Rei D. João V, mandado fazer a pedido da Provedoria da Misericórdia, pelo Chefe do Estado. E' copia do busto em marmore que do mesmo monarcha existe nos jardins do Palacio das Necessidades.

— Alguns frades francezes que passaram em transitio por Lisboa, no paquete *Affentique*, das Messageries Maritimes, e que se dirigiam ao Brasil, desembarcaram na capital, mas ao passarem em Alcantara foram apunçados e apedrejados por grande multidão de populares que, vendo-os com os seus habitos de congreganistas, não quizeram indagar nem de onde vinham nem para onde iam. Tiveram de fugir, acudindo a policia que prendeu alguns dos agitadores.

— E' um caso triste, censuravel, mas que ao mesmo tempo dá ideia da agitação que lavra c. ntra as ordens religiosas, desde o celebre acontecimento em que foi protagonista a familia Calmon.

— A requisição do consul de Hespanha foi feita em um dos hotéis mais de moda e de primeira ordem que se viu fugida ao marido, na companhia de um amante, accusados ambos pelo infeliz marido, de lhe terem roubado mil duros. Provou-se depois, que a segunda accusação não era verdadeira, porque foram postos em liberdade.

— A casa Blandy Brothers & C., do Funchal ganhou em ultima instancia, nos tribunales francezes, o processo ha anno passado contra os exportadores de vinhos hespanhoes sob o falso letrero de vinho da Madeira.

— Corre o boato de que o Rei Leopoldo da Belgica visitará breve Lisboa.

— Inaugurou-se na Ameixoeira o forte D. Carlos I, com a assistencia do Chefe do Estado, do Ministro da Guerra e de grande numero de officiaes, que depois de visitarem as dependencias desceram a lapide collocada á entrada, com o nome do forte, apresentando n'essa occasião armas a guarda de honra.

— Quando terminou essa cerimonia, o general Couto apresentou em nome dos officiaes de engenharia a S. M. os homenagens de respeito e gratidão pela sua presenca, agradecendo El-Rei essas palavras, e testemunhando a sua satisfação em ver ligado o seu nome a um trabalho que tanta honra dá á engenharia portugueza.

— O adrogado brasileiro dr. Lopes Gonçalves, de passagem n'esta cidade, publicou um livro que distribuiu pelos frades, intitulado *A fronteira brasileira boliviana*, a proposito das questões territoriaes entre o Brasil e a Bolivia. E' uma calorosa defeza dos direitos do primeiro, fundada em documentos portuguezes.

— O inquilino do rez do chão do predio 12 da rua do Coelho da Rocha, de nome Custodio Lopes foi preso, por se suspeitar que o incendio ali havido não fora casual.

Porto — A policia prendeu de novo na ponte D. Luiz I, quando tentava suicidar-se, Victoria da Silva, de Armamar. Soffre de desarrajo mental.

— Foi preso um empregado do Centro Photographic que tendo ido receber cento e tantos mil réis á agencia do Banco de Portugal preferiu gastar-os n'uma digressão por Famalicão, Braga, Vianna e Barcellos.

— O *Jornal de Noticias* fez exposição das suas officinas, onde affluíu grande multidão.

— A direcção dos albergues nocturnos dirigiu a El-Rei uma representação solicitando o edificio ora devoluto na rua das Tappas, pertencente ao Estado.

— Nessa representação diz-se que durante o anno findo receberam agasalho 5388 pobres e mais receberiam se não fosse a exiguidade dos actuaes dormitorios.

— Houve incendio n'um predio da travessa da Fonte Arcada de que era inquilino Antonio Dias da Fonseca, communicando-se a grande porção de lenha e utensilios de lavoura, passando depois a uma barraca onde foi extinto pelos bombeiros.

— Uma manhã d'estas a gente que passava á rua de Montebello viu no chão um lençol a cobrir coisa que se mexia.

— Por baixo do lençol estava um pequeno de 8 annos, immundamente emporcalhado.

— O petiz teve o seu descuido na cama, e o tio, José Ferreira da Cunha, embrulhou o no lençol, amarrou-o com uma corda e pôl-o na rua l...

— A uma presa mendiga Maria Monteiro, apunçada varias vezes, não se dá mais do que 7 acções do Banco Mercantil de Braga, um cordão, e varias roupas, 5 acções do Banco da Covilhã e outros titulos. A descoberta fez-se, por ter sido encontrada cahida por doença na rua. Foi tudo entregue em deposito a uma irmã d'ella.

— Maria tem 80 annos e esmolava ainda arrastando-se a custo pelas ruas.

— Em poder da policia estão 76 jarros e mais 20 peças diversas, pratos, centros, garrafas, copos, espelhos, etc., e apprehendidos nos penhoristas estão 148.

Do resto não se sabe, porque o arguido o vendeu a individuos que não conhece.

Alberguia-a-Velha — N'um incendio que houve em casa de Manuel Henriques, do Carvalhal, Ribeira de Fraguas, morreram duas creanças, uma de 7 e outra de 4 annos.

Alcobaca — Evadiu-se o emigrado boer Nicolau, austriaco.

Andia — Uma pobre mulher, Marianna Sougalheira, que estava gravida de 8 mezes, estando sentada á lareira, incendiaram-se-lhe as sillas. Desvaireada, fugiu para a rua, gritando, mas como eram 11 horas da noite ninguém lhe accorda a correr como louca e o fogo cada vez mais intenso. Entrou em uma porta, mas o moador, assustado, impeliu-a outra vez para a rua, onde afinal appareceu o sr. José Maria Roque dos Reis que a tapou com um cobertor.

Está horrivelmente queimada, mas a elle deve o não morrer no meio das mais cruentes dores.

Aveiro — Era Casado Falcão Esteves da Bica, pequeno lavrador d'esta freguezia, indo buscar a um palheiro uma porção de estume para carregar um carro a que atrelou umas vacas, duas creancinhas, suas filhas, treparam ao vehiculo, e as vacas, espantadas, fugiram.

— O Esteves, vendo o perigo que as creanças corriam, atravessou-se deante das vacas, mas recebeu uma forte pancada que o derrubou, passando-lhe a roda por cima do peito.

Das creanças, uma cahiu pela trazeira do carro, ficando ferida no corpo, e a outra entre as

patas da vacca e a roda, passando-lhe esta por cima da cabeça e esmagando-lhe o craneo.

Azeré — Rita Castanheira Meirinho, depois de alterações com seu irmão, José Castanheira Meirinho, vibrou-lhe tres golpes de machado, deixando-o em lastimoso estado. Está doida.

Beja — Passou sobre esta cidade e arredores um violento cyclone, que causou bastantes prejuizos no edificio do Matadouro e no jardim onde attingiu diferentes plantas rindentes e duas arvores que foram arrancadas e detoriadas.

— Nos concelhos de Ferreira e Aljustrel os prejuizos foram a contos de réis.

— Estabeleceu-se uma estação postal na aldeia de S. Matheus.

— Antonia Beja, natural de Serpa, e pastor da casa Ficalho, desconfiado da fidelidade de uma sua namorada, esfaqueou-a, indo depois pedir pouxada á cabana de João Zambuja, que elle tulgava ser seu rival. Quando este dormia, depois de lhe dar de ceifar, matou-o com um machado. Quando o prenderam quiz suicidar-se.

Benavente — Suicidou-se Antonio Batista da Silva, natural de S. Pedro do Sul.

Braga — Na relação eclesiastica de Braga está correndo um processo de annullação de matrimonio do sr. Sebastião Leme Guedes Vieira de Macedo, irmão da sr. viscondessa de Negrellos, e sua mulher e tutora D. Maria Antonia de Souza Alcotorado, da casa da Silva, de Barcellos.

— Na sala das sessões da Associação dos bombeiros voluntarios foram collocados os retratos dos sr. dr. Francisco Pinheiro Torres, medico e Antonio Augusto Menici da Silva, secretario da direcção.

— O santuario do Bom Jesus, rendeu em setembro, 338,225 réis, e em outubro 210,810 réis.

— Partiu para Cabo Verde o sr. conego Oliveira Bouças, secretario do bispo d'aquella diocese.

— A 2 annos de prisão maior cellular ou 3 de degredo em Africa, foi condemnado Antonio Jose Lopes da Fonte, de Amares, accusado de passar notas falsas de 58000 réis.

Chaves — Escriveram aqui os engenheiros italianos, marquez de Suni e Leopoldo Cachupuz, qua tem vindo examinar os terrenos por onde se acha traçada a linha ferrea do Valle do Corgo.

O primeiro vela verificar se conviria contrar a execução dos projectados caminhos de ferro do Valle do Corgo e Valle do Corgo.

— Ao sr. Leopoldo Cachupuz se deve o desenvolvimento d'esta pois ha annos que sustenta verdadeira campanha em favor d'essa aspiração.

— Por iniciativa da Associação Commercial, uma commissão de negociantes apresentou-lhe uma mensagem de agradecimento.

— Concluiu-se no dia 10 a cerimonia da benção da capella mandada edificar pela nossa Rainha no Bairro Operario.

— Em seguida á benção o sr. bispo comendador celebrou missa rezada, no fim da qual proferiu uma brillante allocução.

Estarreja — Casou a sr. D. Maria Benedicta de Azevedo Sotto Major, filha do sr. Barbosa do Couto Cunha Sotto Major, antigo deputado da illustre casa da Fontinha d'esta villa, com o sr. visconde do Ameal, filho dos condes do Ameal opulentes proprietarios, de Coimbra.

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

Rua I.^a de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA

O scenario é todo novo, pintado pelo scenographo Manini. Os versos são do sr. Alberto de Oliveira e a musica do sr. Oscar da Silva.

D. Amelia — Zacconi, que tão grande successo tem feito, e bem justo, diga-se a verdade, faz hoje a sua festa artistica com o *Poder das Trevas*. Amanhã, ha uma recita dedicada pela empresa ao grande actor italiano, que mostrou desejos de ver representados os nossos artistas. Representa-se o *Alcacer-Kibir*, de D. João da Camara, em que tem papeis Brazão, João e Augusto Rosa.

Depois, Zacconi dará ainda duas recitas; e recomendará os espectaculos da companhia portuguesa, que dará, entre as *represas* do seu largo repertorio, *A Sorie*, de Capus, e *A Corrida do Facho*, de Hervey, que já representou no Porto.

A seguir entra em ensaios as *Semi-Virgens*, de Prevost, assim distribuida:

Maximo de Chantel.....	E. Brazão.
Mauricio de Subrecaux.....	João Rosa.
Hector Le Tessier.....	Augusto Rosa.
Paulo Le Tessier.....	Luiz Pinto.
Harden.....	A. Pinheiro.
Lestranges.....	H. Alves
Valbelle.....	Senna.
Dr. Krauss.....	A. Cabral.
Espians.....	Laços.
José.....	Salles.
Maud.....	Maria Falcão.
M.ª de Rouse.....	Carolina Falco.
Balhina.....	Delphina Cruz.
Estephania Duroy.....	Laura Cruz.
M.ª Ucelli.....	Maria Pia.
Viscondessa de Chantel.....	Elvira Gosta.
Joanna de Chantel.....	Maria Ferreira.
Martha.....	C. de Sousa.
Magdalena.....	Jesuína Saraiwa.
Cecilia Ambre.....	Elvira Santos.
M.ª Reversier.....	A. O'Sullivan.
Dora Caburel.....	Laura Reis.
Betty.....	Dorinda.
Julietta Aurerac.....	N. N.

Trindade — A revista do anno *de Arte Nova*, escripta pelo sr. Accacio de Paiva, está em ensaios, e tem 13 quadros:

- 1.º — Paraizo infernal.
- 2.º — Liberal constituição.
- 3.º — Cada terra com seu uso.
- 4.º — Museu submarino.
- 5.º — Feira franca.
- 6.º — De portas a dentro.
- 7.º — Noite de amores.
- 8.º — Travessia perigosa.
- 9.º — Terral-terral.
- 10.º — Lisboa em S. Julião.
- 11.º — Entre o Céu e a Terra.
- 12.º — Actualidades.
- 13.º — Gloria á Arte Nova.

Amelia Loppiccolo, Amelia Barros e Augusto tem diferentes papeis.

O scenario é todo novo.

E' provavel que a primeira representação seja na segunda quinzena do mez.

Rua dos Condes — Antes da revista do anno dos srs. Alfredo Mesquita e Camara Leme, *Na ponta da unha*, representar-se-ha o drama *Joanna a Doida*, que foi uma das corôas da grande actriz Emilia das Neves.

Atendida — Repappare esta noite a companhia Souza Bastos de volta do Brazil. Passará em revista todo o seu repertorio que é largo, dando no fim do mez, em primeira representação a opereta de Planquette que no Rio de Janeiro agradou, *Capitão Thereza*, assim distribuida:

Duvet, notario.....	Alfredo de Carvalho
Philipe de Bellegarde.....	Correia
Sombreiro, coronel.....	Gomes

Tancredo de la Hoche.....	Sá
Marquez de Vardeuil.....	Santos Junior
O capitão Boullinae.....	Amaral
Campastro.....	Rebocho
O major.....	Roldão
Thereza de Vardeuil.....	Palmyra Bastos
Hermínia.....	Francisca Martins
Marcelina.....	Gabriella Lucey
Margot.....	Carolina Santos
Cluudina.....	Elvira de Jesus
Dionísia.....	Dolores
1.ª dama.....	Julia Correia
2.ª dama.....	Beatriz Santos

Príncipe Real — Em ensaios o *Comboyo n.º 6*, *represes*.

Está a distribuição:

Conde de Meriel, capitão de mar e guerra.....	Verdial
Paulo Dubourg, engenheiro.....	Torres
João Roubier, agalheiro do caminho de ferro.....	Ferreira
Armando de Meriel, guardamarinha.....	Ramalhet
Luiz Dubourg, conhecido por Fargeol.....	Baptista
Miguel Servon.....	Peixoto
Oscar Tornichet, vendilhão	Machado
Maillet, tabellião.....	Lima da Costa
Monchin, machinista.....	João Lopes
Rouvinei, marinheiro.....	Frederico
Falepin.....	N. N.
O chefe de policia.....	F. Ferreira
O creado da estalagem.....	Soares
Um creado do café.....	N. N.
Baroneza Martha de Granday.....	Maria das Dôres
Sophia Marchal.....	Carlota Fonseca
Malvina.....	Adelina Ruas
Joanna, filha de Paulo Dubourg.....	Julia da Assumpção

— Entrou em ensaios a peça de Antonio Ennes *Os Lazarisitas*.

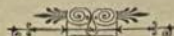
A distribuição é esta:

Carlos de Magalhães.....	Verdial
Ernesto da Silva.....	Ramalhet
Ignacio Bergeret.....	Joaquim d'Almeida
D. José de Mello.....	Baptista
Luiza de Magalhães.....	Amelia Pereira
Joaquim de Magalhães.....	Carlota Fonseca
Condessa de S. Francisco.....	Elisa Santos
D. Joanna Vasconcellos.....	Maria das Dôres
Baroneza de Selgas.....	Julia Assumpção
Uma collegial.....	Ilda Victoria

Seguir-se-ha o drama *Supplicio de um pae*, de Dumas.

Colysen dos Recreios — E' um constante desenrolar de novidades, o programma dos espectaculos da companhia equestre, gymnastica e acrobatica, que prepara como *clou* um Fakir portuguez, nada menos do que um estudante, cuja insensibilidade assombra, e que se propõe executar todos os trabalhos do outro Fakir, e que abandona o curso da Escola Polytechnica e os 45 réis do seu prelo ouro dos contractos que já se lhe desenhava no horizonte artistico.

Real Colysen — Espectaculos barritos em segunda edição. Espectaculos essencialmente populares, em que, por metade do preço, e umas semanas mais tarde, se admiram os artistas que fizeram as delicias dos espectadores do outro Colysen.



S. Carlos — A inauguração da epocha lyrica está marcada para 18 d'este mez com a *Tosca*, assim distribuida:

Mario Cavaradosi.....	Giuseppe Anselmi
Scarpia.....	Delfino Menotti
Spolenta.....	Primo Maini
Sciarone.....	Francalancio
Schirliato.....	Pini Corsi
Florja Tosca.....	Emma Carelli

Seguindo-se-lhe o *Lohengrin*, cantado pelos seguintes artistas:

Lohengrin.....	Giuseppe Borgatti
Telramondo.....	Rebonato
O Arnaut.....	Pini Corsi
O rei.....	Oreste Luppi
Elsa.....	Febea Strakosch
Otruda.....	Clóé Marchesini

D. Maria II — Vae entrar em ensaios o *Mysterio*, extrahido pelo sr. conde de Arno do conto de Eça de Queiroz *Suave Milagre*. A distribuição é esta:

Prologo.....	Georgina Pinto
Jesus.....	C. Santos
Um adivinho.....	Gama
Um viandante.....	Maia
«Obede».....	Mello
«Publio».....	Possner
Camarada.....	Maia
1.º decuriao.....	J. Costa
2.º decuriao.....	P. de Campos
3.º decuriao.....	C. d'Oliveira
1.º soldado.....	Barreto
2.º soldado.....	Miranda
3.º soldado.....	Nobre
4.º soldado.....	Theodoro
Sacerdote.....	Galvão
Um rapaz.....	Ilda
«Um mendigo».....	Ferreira da Silva
Um servo de «Publio».....	Leopoldo
1.º mercador.....	Macedo
2.º mercador.....	Sampaio
3.º mercador.....	Barreto
1.º pastor.....	Ferreira da Silva
2.º pastor.....	C. d'Oliveira
1.º servo.....	Nobre
2.º servo.....	Sampaio
3.º servo.....	Theodoro
4.º servo.....	Miranda
Filha de «Publio».....	Luz Velloso
1.ª mulher.....	Cecilia Machado
2.ª mulher.....	Adelina Santos
3.ª mulher.....	A. Cordeiro
Mãe.....	Virginia

UM ESCULTOR... DECIDIDO



1



Então ainda não está pronto?

2



Desejava o meu busto...

3



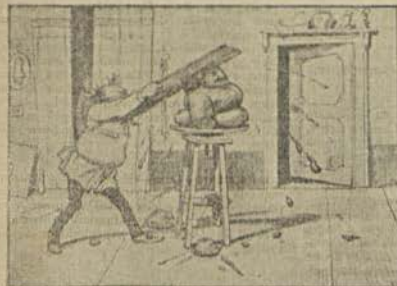
Não se parece nada comm'igo...

4



Ah! sim?

5



Zás...

6



Muito bem... aqui tem o preço combinado

A assistir ao casamento, vieram numerosíssimos amigos dos noivos e de suas illustres famílias e o acto foi revestido da maior imponência e solemnidade.

Famalião — Casou o sr. Duarte Vasco de Magalhães Aguiar, proprietário com a sr.^a D. Maria Eugénia Lages Cerejeira, d'esta villa, viuda do desditado poeta Gonçalves Cerejeira.

Mirandella — Um rapaz d'esta villa, José Alves Torres, passando em Quadraçal, foi assaltado por 4 lobos. O rapaz subiu ligeiro por uma arvore, conservando-se ali desde as 8 horas da manhã até ás 2 da tarde, hora a que appareceu um caçador que poz os lobos em debandada.

Aqui ha aquy varios estabelecimentos illuminados a gaz acetyleno, fornecidos pelo Bazar Ingles de Badajoz.

—Chegou o nosso patriota, Candido Mucedo Baptista, juiz da relação de Loanda, a fim de visitar a sua familia.

Ourém — No sítio do Valle Longo, freguezia da Fretlandia, foi assassinado e roubado um individuo de nome Salgueira negociante de gado bovino.

O homem vendeu na feira dos 12, que se faz em Albergaria, tres juntas de bois, cujo producto recebeu, mais 50 se lhe encontrou 112000 réis.

Portalegre — Trabalha-se activemente na construcção do edificio para a escola de ambos os sexos da freguezia de S. Lourenço, que fica proxima ao Calvário, sitio bem arejado e muito hygienico.

Praia da Nazareth — Adalina Bem, casada com José Ricardo Germano deu á luz 3 creanças, sendo 2 do sexo feminino e 1 do masculino.

Uma das primeiras morreu horas depois.

Santarem — Uma mulher andando á sãna da azeitona na quinta do Valle de Moimões, em Almôster, encontrou junto de uma oliveira, muito coberto de terra, um cinto que depois se averiguou ser do tempo dos romanos ou arabes. Tinha de largura uns 4 ou 5 centímetros, com nove filetes, e dois medalhões ou rosetas, medindo 8 centímetros, tudo em ouro. A mulher medindo 8 centímetros, tudo em ouro. A mulher medindo 8 centímetros, tudo em ouro. A mulher medindo 8 centímetros, tudo em ouro.

—O agricultor está desanimado com a falta de chuva.

Está bastante adelantada a maturação da azeitona, esperando-se boa colheita.

Fallecidos

De 16 a 30 de novembro falleceram:
Lisboa — Emilia da Conceição Dias da Silva, Maria José de Sábalha Pereira, Victoria de Lima Sábido, Mathews Antonio

d'Abreu Castello Prisco, Margarida de Melia Madrueira, José Duarte, Candida Rosa Gil Baccellar, João Francisco Duarte, José Paulo, Maria dos Santos, Roberto Rodriguez, José Maria Romêiro, Crisotina Romana da Costa, Joaquim José de Sant'Anna, Maria Christina Mac-Kee, Manoel Pires Loureiro, António d'Oliveira Ribro, Arthur Antonio da Bernabe Magina, Desembargador Dr. Maximo Rebelo, Prior de Santa Izabel, Emilia Ribeiro Oliva, Amé d' Domingues, Francisco Antonio Lopes, Francisco Antonio Pires, Francisco de Almeida Junqueira, Bernardo António Pereira, Marcos Leitô Torres, Jeronymo Aguiar, Miguel, Maria de Conceição Silva, Jorge da Costa Mascara, Manoel José Nemês Castilho, Gertrudes Maria da Conceição de Vellozo.

Porto — Augusto Marques da Costa, Manoel José de Carvalho Guimarães, Aurora Candida Ferreira da Cruz, Antonio José d'Oliveira, Amélia da Silva, Leito Moreira, José João Lopes Mallo, Francisco Duarte Paiva, Zefetino Ferreira da Silva, Padre Emanoel do Rebelo de Carvalhal, Antonio Monteiro de Magalhães, José Gonçalves, José Henrique Gonçalves, Almeida — José Gonçalves Ramos.

Avodover — Dr. Miguel Luiz Pires de Sá.
Amanita — Dr. Miguel Pinto Martins.
Aveiros — José Pinto da Cunha.
Bragança — José Dias Ferreira.
Batalha — Joaquim Maria do Patrocínio.
Beja — Domingos Fidalgo.
Bragança — Antonio do Sacramento Barros Lima, Rita Coelho, Bento Sebastião Dias, Antonio Joaquim Marques, José Joaquim Gonçalves Pereira, Bento Ferreira Mendes.

Bragança — Leona do Garcia.
Campo Maior — João Vaz Touro.
Castalvaira — Manoel Lopes.
Covilha — Augusto Pereira de Moura.
Coimbra — Dr. Manoel Lopes Quaresma.
Coruche — Rev. João da Silva Rosa.

Évora — Roberto Manoel Nunes.
Figueira da Foz — Miguel Belliguera.
Fátima — Alameda — Maria da Costa Cabral e Castro.
Frelim — Antonio José de Leães.
Guimarães — José Luiz Ferreira, Joaquim da Costa.
Gouveia — Maria Francisca de Melio Sangallo.
Gouveia — Vasco de Pignatelli, Antonio Augusto Pires.
Lousada — Dr. João Manoel Pacheco, Ferreira Rebelo.
Nação — Theodoro Ignacio dos Santos.
Maçã de D. Maria — Jacintho Borges God. lages, Antonio Simões Alvaro.

Ragoso — Padre José da Costa Correia, Amácio da Costa.
Marco de Conyvezes — Eduardo de Mattos Almeida Santos.
Montemor — Manoel Antonio Villa, Rachel Antonio Ferreira.

Monsão — Francisco Marques Soares de Azevedo.
Ourense — Maria Isabel Vial, Berquandino Maria Pira.
Paços Ferreira — Clotilde Ferreira Netto de Melloes Pereira.
Peso de Lima — Almeida da Conceição Xavier, Joana Emilia Gonçalves da Silva.

Portimão — Henrique Bicker Guzmán.
Póvoas — Leopoldo Maria Ximenes.
Praença de Nova — Joana Rita de Sequeira.
Sabalgal — Isabel Viragencia.
Santarem — Maria Marques da Silva.

Santarem — Manoel Rodrigues Ramos, Conceição de Carvalho e Silva.
São Tiro — Gabriel Arazão Fuzzer.

Setúbal — Anna Carolina Abreu Correia, José Maria Alberto dos Santos.
Souza — Manoel Philippe.
Torres Novas — João Tavares.
Trancoso — Anna Ilhartzada.
Vila do Conde — Joaquina Amélia de Rocha Paris.
Vila da Gonde — Padre Manoel Parada.
Vila Real de Fátima — Manoel Villar.
Vila Verde — Manoel Antonio de Carvalho.
Vila Verde — Maria José de Carvalho, Maria Maximiliana Teixeira de Vasconcellos Oliveira.

Num jantar de noivado:
Um dos convidados levanta um brinde aos noivos, dizendo:
— Brindo á noiva, deixando vivamente que este dia se repita por muitas vezes.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

— Não ouves? Ordeno-te que subas!
Momentos depois começou a desenhá-se nas trevas a figura da rapariga d'Elta, sequia de longe, descrevendo as mesmas espirais. Nela subiu muito devagar. Parou e deu novo disse com voz debil:
— Senhor...
— Já te disse que subas!
Que fazes tu ahí? Vem... Tenho que te dizer.
— Dizer o quê?
— Uma cousa importante.
Nela subiu e Theodoro lançou-lhe a mão.

XIX

Domesticação

Theodoro afastou-se logo do abysmo, levando Nela segura pela mão, e, durante alguns minutos, não se trocava entre elles um só palavra. Não obstante a sua loquacidade, não sabia que dizer n'aquella conjunctura e sentia-se tão achulhado como a orphã, de ordinario pouco expansiva. Nela acompanhava docilmente o medico, que moderava o passo pelo d'Elta. Ao chegar a um ponto do atalho, onde havia, meio entre rados no solo, tres pedregulhos brancos e coromidos, figurando ossadas de animas gigantescos, o doctur sentou-se, encarando Nela bem de frente, como quem vai pedir contos de graves travessuras; e pegando-lhe nas mãos, disse com severidade:

— Queias tu fazer acóla?
— Eu? Aonde?
— Acólá. Bem sabes o que quero dizer. Vamos: responde com franqueza, como responderias a um confessor, ou a um pae.
— Eu não tenho paé, respondeu ella n'um tom de revolta.
— Não tens é verdade. Mas imagina que eu sou teu paé e responde: Queias tu fazer lá abutro?
— Lá em baixo está minha mãe, respondeu Nela com voz cava.
— Tu misó morreu. Tu não sabes que os mortos tomam no outro mundo, ou não estão em parte nenhuma!
— Acólá é que ella está, replicou a rapariga com convicção,volvendo os olhos para os lados do abysmo.
— E tu ías ter com ella, não é isso? Por outra, tencionavas acabar com a vida?
— Sim, senhor. E' isso mesmo.

(Continúa)

CANDEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro
Louça de ferro esmalto
Retretes de varios sistemas
Objectos
propios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.^a ordem á RUA DO CARMO, 35, 1.^a (CHALDO)

HERMINIOS
ESPECIALIDADES
FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 5.000.000.000 rs.

13.000.000.000 RÉS

De dividendos pagos desde 1884 até 1892

PREMIOS E RESERVAS 5.000.000.000

Regulor contra homicídios, símbolo da paz em relés

Equator Atlántico & Union Marítima

Companhias Espanholas contra os crimes marítimos

de abisso de transportes de outros navios

Directores — Alas Mayor & Piller

SABOCHA — Rua dos Poveiros, 28, 8.^o

HOTEL DURAND
English Hotel — Lisboa
1, Rua das Flores — Largo do Gatoalado

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS

FORMOSOS (Rua de S.^a Catarina, 48)
FARMACIA (Rua S.^a de Branca, 48)
Casa montada sob a administração dos herdeiros, incluindo a concessão do extra-sigillo. Venda de fidejussões em artigos indispensáveis



CESAR A. PAIVA

CRONICA DENTISTA

1.^a E

SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.^a
LISBOA

PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES



Estevão Nunes & F.^{ºs}
 Proprietários da Casa Real e de S. M. e Altesas

PAPELARIA
 59, RUA AUREA, 60

Officinas a vapor

Typographia, Lithographia, Estereotypia,
 Encadernação, Pautados, Riscados,
 Timbragens em relevo, a ouro, prata e cores finas,
 Carimbos de borracha e metal
 Especialidade em rotulos para farmacias

LISBOA



AGUAS DE CARABANA
 PRIMA QUALIDADE DE MINERALIZADO NATURAL
 11 MEDALHAS D'ORNO E 10 DIPLOMAS D'HONRA
 Proprietários: RIBEIRO DA COSTA & C.
 Rua do Carmo, 68 e 72 — Lisboa



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas,

Pontos e Fixas para todos os jogos

Viuza de José Alexandre de Senna

48 — Rua Nova de Almeida — 28

CASA FUNDADA EM 1856

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO
 Premios nas exposições
 Londres, 1862; Viena, 1865 e Torino 1864 e 1874

ANTIGA CASA
PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, cupulas, colhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
 JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeções

Com atelier de modista e alfayata

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa



Exportadores para todos os Estados do Brasil Officinas montadas com todos os melhoramentos modernos AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS TELEGRAPHAS PINTO MONTEIRO Caixa de Correio-691

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

CASA ANCORA

MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento e variedade de artigos. O primeiro ponto de reunião de Mandos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ
E RUA MARCHEL DEODORO
MANAOS

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço
Caldelras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

Oliveira, Costa & C.^a

CASA DE COMMISSÕES

Endereço telegraphico:

OLIVIANNA

Caixa do correio - 173

PARÁ

Rua 15 de Novembro, 5

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara - RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO



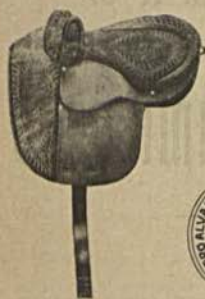
FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz - RIO



**Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade**



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação

de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial - S. PAULO